**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP**
**Instituto de Biociências - Câmpus de Botucatu**

Luiza Cavalheiro de Assis

# Territorialidade Tradicional e Avifauna: Implicações para a Conservação da Biodiversidade

Botucatu - SP
2026

Luiza Cavalheiro de Assis

# Territorialidade Tradicional e Avifauna: Implicações para a Conservação da Biodiversidade

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Botucatu, para obtenção do título de Bacharel em Ciências Biológicas.

Orientador(a): Prof. Dr. Vagner Aparecido Cavarzere Junior

Botucatu - SP

2026

A848t

Assis, Luiza Cavalheiro de

Territorialidade Tradicional e Avifauna: Implicações para a Conservação da Biodiversidade / Luiza Cavalheiro de Assis. -- Botucatu, 2026

55 p. : il., tabs., mapas

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Ciências Biológicas) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Botucatu

Orientador: Vagner Aparecido Cavarzere Junior

1. Pesquisa ornitológica. 2. Aves. 3. Biodiversidade. 4. Grupos étnicos. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

LUIZA CAVALHEIRO DE ASSIS

# TERRITORIALIDADE TRADICIONAL E AVIFAUNA: IMPLICAÇÕES PARA A CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado a Universidade Estadual Paulista, como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel, do curso de Graduação em Ciências Biológicas.

Botucatu, 7 de julho de 2026.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Vagner Aparecido Cavarzere Junior
Universidade Estadual Paulista
Instituto de Biociências

_____

Prof. André Santachiara Fossaluza
Universidade Estadual Paulista
Instituto de Biociências

Às minhas avós, Sebastiana e Edna, que
partiram, mas nunca me deixaram só.

## AGRADECIMENTOS

Ser estudante de Ciências Biológicas na UNESP de Botucatu é um sonho que surge e se desabrocha muito cedo, ainda no meu ensino fundamental. Ele nasceu de forma individual, como uma ervilha sob meu colchão, mas se tornou, e se torna ainda, cada dia mais coletivo. Longe de tudo que eu sempre conheci, e me abrindo para um novo mundo, eu não posso deixar de saudar e agradecer todos aqueles e aquelas que cruzaram meu caminho.

Aos primeiros braços que me acolheram no Planeta Terra – Juliana e Cláudio, meus pais — que dedicaram suas vidas a transformar a minha, e com isso, me mostraram a potência que existe em buscar nossa liberdade quando se tem sempre um lugar seguro e amado para voltar. Vivenciar a universidade pública e de qualidade é um privilégio que eu devo aos dois, mas também, que dedico a eles.

Às famílias Cavalheiro e Assis, em especial ao meu avô Francisco José, por terem feito parte do meu crescer e instigado a criança curiosa que fui, e por ainda hoje, abrirem espaço, com amor, para que a minha autenticidade seja acolhida e respeitada. As ruas e os cantos de Areiópolis seguem me remetendo às vivências ao lado de cada um.

À Sebastiana e Edna, minhas avós, com quem compartilho as memórias mais felizes da minha existência, aquelas em que me agarrei nos dias solitários e difíceis. Que este trabalho e toda a minha trajetória acadêmica honrem o legado de suas vidas, as quais lembro com saudade.

Às minhas irmãs da república MamaNaCama, que tornaram a chegada e a permanência em Botucatu mais simbólica. Mulheres que abriram seus mundos para que eu os descobrisse e com isso mudaram a forma com que habito o meu.

À Bombateria, por ter me recebido de braços abertos para cantar, tocar e mestrar ao lado dos ritmistas mais maneiros que eu conheço. Que a cultura do samba seja sempre viva na nossa bateria, e assim, viva sempre em mim.

Aos amigos e amigas que fiz ao longo da jornada maluca da vida, obrigada por, nas mínimas coisas, trazerem tanto afeto e alegria para os meus dias. Seguir meu propósito é ser fortalecida e inspirada por cada um de vocês. Assisti-los conquistando seus sonhos e ocupando os espaços me lembra de que estamos vivos, que resistimos e seguimos. Ao meu amigo Victor Hugo, que teve seus sonhos interrompidos, um salve especial – que a sua memória seja sempre um lembrete de companheirismo e perseverança.

Ao GEAS, CEMPAS, Zoobotânico de Rio Preto, GEDAI, Passarinhando e Centrofauna, pela oportunidade de trabalhar ao lado de pessoas e animais que foram centrais na minha formação como bióloga e enriqueceram a maneira que eu significo o estudo da vida.

Ao Laboratório SACI e ao Prof. Vagner Cavarzere, meu orientador, que me acolheu, mesmo com as grandes dúvidas, incertezas e dificuldades que eu carregava. Ele tornou o espaço científico mais amigável, e me levou a acreditar que eu podia também fazer ciência, e por isso, serei sempre grata.

À Universidade Estadual Paulista e ao Instituto de Biociências de Botucatu, pelos anos de graduação. Por permitirem que eu me desenvolvesse como uma estudante, e além disso, uma profissional crítica e engajada. Agradeço também o movimento estudantil, pelos anos de luta que garantiram a mim e a muitos outros a oportunidade de vivenciar o ensino superior gratuito e de qualidade com muito mais valor. Que as portas da universidade pública estejam sempre abertas para aqueles que dela precisam!

“A academia não é o paraíso. Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. [...] Isso é a educação como prática da liberdade.”
(Hooks, 1994, p. 207).

## RESUMO

Este projeto propõe uma revisão bibliográfica a respeito da composição da avifauna em comunidades tradicionais brasileiras, sob a hipótese de que estes territórios desempenham papel relevante na manutenção da diversidade de aves no país. A pesquisa busca reunir e analisar estudos que documentam espécies de aves encontradas nestes territórios, considerando aspectos ecológicos, culturais e socioambientais. Para tanto serão realizadas buscas nas bases de dados Google Scholar, Jstor, Scielo, Scopus e Web of Science com a seguinte linha: (quilombo* AND communit*) AND bird* AND Brazil*, além dos termos para terras indígenas, ribeirinhas e caiçaras, e seus respectivos em português. A proposta parte do entendimento de que comunidades tradicionais, por manterem práticas tradicionais de uso da terra e preservação ambiental, favorecem a manutenção de habitats naturais essenciais para diversas espécies de aves. Além disso, destaca-se o papel ecológico das aves na regeneração e preservação da vegetação nativa, por meio da dispersão de sementes, controle populacional de insetos e polinização. Cerca de 30,5% das florestas brasileiras são protegidas e mantidas pela presença de povos tradicionais, que muitas vezes habitam áreas consideradas *hotspots* de biodiversidade, portanto, espera-se que estes territórios atuem diretamente na manutenção da biodiversidade e dos serviços ecossistêmicos. Ao evidenciar a relação entre comunidades tradicionais e a biodiversidade local, o projeto pretende contribuir para o reconhecimento da importância destes territórios na conservação da fauna brasileira e na promoção de estratégias integradas de preservação ambiental e valorização cultural. São detalhados dados sobre onde os estudos foram realizados, quais as espécies de aves registradas, e os objetivos dos estudos encontrados. É utilizada análise estatística descritiva, enquanto a estatística analítica foi guiada de acordo com os resultados encontrados após a revisão da literatura. 25% da avifauna brasileira foi contemplada nos estudos analisados, que em sua maioria, compreendem temas de etnoornitologia e etnoconservação. Esse resultado reforça a importância dos povos tradicionais como preservadores do meio ambiente.



**Palavras-chave:** avifauna; etnoornitologia; comunidades tradicionais; conservação.

**ABSTRACT**

This study proposes a literature review regarding the birdlife composition in traditional brazilian lands, under the hypothesis that these territories play a significant role in maintaining bird biodiversity in the country. The research aims to gather and analyze previous studies that document avian species found in these territories, considering their ecological, cultural, social and environmental aspects. Searches will be conducted in databases such as Google Scholar, Jstor, Scielo, Scopus and Web of Science with the following prompt: (quilombo* AND communit*) AND bird* AND Brazil*, beyond the terms referring to Indigenous lands, riverines communities, and caiçaras, as well as their correspondents in Portuguese. The proposal is based on the understanding that traditional lands, by keeping traditional practices on land-use and environmental preservation, contribute to natural habitats maintenance, which are essential for multiple avian species. Furthermore, the ecological role played by birds in regeneration and preservation of the indigenous vegetation is highlighted by seed dispersion, insect populations control and pollination. About 30.5% of Brazilian forests are protected and maintained by the presence of traditional peoples, who often inhabit areas considered biodiversity *hotspots*; therefore, these territories are expected to play a direct role in maintaining biodiversity and ecosystem services. By evidencing the relationship between traditional communities and local biodiversity, this research seeks to reinforce the importance of these territories on brazilian fauna conservation and in promoting integrated strategies for environmental preservation and cultural appreciation. Data regarding where the studies were conducted, which species were registered and the objectives of the studies found will be detailed. Descriptive statistical analysis was employed, while analytic statistics were guided according to the results obtained from the literature review. 25% of the Brazilian avifauna was covered in the studies analyzed, most of which address themes of ethno-ornithology and ethno-conservation. This result reinforces the importance of traditional communities as preservers of the environment.

**Keywords:** bird; ethnoornithology; traditional communities, conservation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

**Figura 1 -** Esquema dos resultados obtidos em cada etapa de busca. .....19

**Figura 2 -** Distribuição geográfica das publicações contempladas na revisão.....21

**Figura 3 -** Riqueza de espécies mencionadas em cada estado. .....21

**Figura 4 -** Riqueza de espécies mencionadas em cada município. .....22

**Figura 5 -** Riqueza de estudos publicados por domínio fitogeográfico. .....22

**Figura 6 -** Riqueza de espécies por domínio fitogeográfico. .....23

**Figura 7 -** Riqueza de espécies por ordens. .....23

**Figura 8 -** Riqueza de espécies por famílias.....24

**Figura 9 -** Riqueza de publicações por categoria de estudo. .....24

**Figura 10 -** Riqueza de espécies por categoria de estudo. .....25

**Figura 11 -** Riqueza de espécies mencionadas por cada fonte. .....25

## LISTA DE QUADROS

**Quadro 1** – Categorias de estudos publicados e suas definições 17

**Quadro 2** – Origem e registro das espécies exóticas 20

**SUMÁRIO**

**1. INTRODUÇÃO ..... 12**

**2. MATERIAL E MÉTODOS ..... 16**

2.1 CONSULTA NAS BASES DE DADOS ..... 16

2.2 PROCESSO DE SELEÇÃO E CRITÉRIOS UTILIZADOS ..... 16

2.3 ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS ..... 16

**3. RESULTADOS ..... 19**

**5. DISCUSSÃO ..... 26**

**4. CONCLUSÃO ..... 30**

**REFERÊNCIAS ..... 31**

APÊNDICE A – REFERÊNCIAS RECUPERADAS NA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA, ORGANIZADAS EM ORDEM CRONOLÓGICA DE PUBLICAÇÃO E, DENTRO DE CADA ANO, EM ORDEM ALFABÉTICA PELO SOBRENOME DO PRIMEIRO AUTOR E PELO TÍTULO DO DOCUMENTO. ..... 35

APÊNDICE B - LISTA DAS 502 ESPÉCIES DE AVES REGISTRADAS NOS 37 ESTUDOS RECUPERADOS PELA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA. ..... 38

## 1. INTRODUÇÃO

Comunidades tradicionais são todas aquelas consideradas culturalmente diferenciadas e que se reconhecem como tais (Brasil, 2026). Para o Governo Federal Brasileiro esses povos têm formas próprias de organização social, bem como do uso e ocupação dos territórios e dos recursos naturais, que integram suas práticas culturais, sociais, religiosas, ancestrais e econômicas. As comunidades tradicionais estão distribuídas por todo o país, ocupando cada um de nossos domínios fitogeográficos, e embora somente populações indígenas e quilombolas tenham seu reconhecimento assegurado constitucionalmente, as comunidades tradicionais contemplam 28 segmentos diferentes, entre elas inclusos os povos ribeirinhos e caiçaras. Em nosso país são registradas 651 terras indígenas (FUNAI, [s.d]) e 494 terras quilombolas (IBGE, [s.d]). Os povos ribeirinhos e caiçaras não são contabilizados de forma específica nos censos do IBGE, e por esse motivo, não existem dados quantitativos precisos para a ocupação e densidade populacional dessas comunidades no território brasileiro.

Ao longo do tempo histórico, e dentro de suas particularidades, as comunidades tradicionais cultivaram relações íntimas e sobretudo respeitosas com o meio ambiente. Isso significa que as gerações acumulam saberes ecológicos elaborados há séculos por seus ancestrais, que garantiram sua sobrevivência através de atividades como a caça, pesca artesanal, agricultura e extrativismo mineral e/ou de outros recursos. Reconhecer todas elas como constituintes essenciais do cotidiano das comunidades tradicionais é também reconhecer que esses povos são grandes observadores da natureza, e como consequência disso, elaboraram conhecimentos robustos que envolvem aspectos morfológicos, taxonômicos, comportamentais e ecológicos dos mais diversos grupos de seres vivos (Houde, 2007; Kefalew et al., 2022).

É a partir da observação minuciosa e constante que povos tradicionais mantêm suas práticas de subsistência alinhadas aos ciclos naturais das espécies silvestres, e dessa forma atuam como conservadores do meio ambiente, diminuindo o impacto do estabelecimento humano nos territórios, e nos relembrando de que é possível habitar o planeta e coexistir com outros seres, um aspecto que fica esquecido em nossa contemporaneidade urbanizada. É relevante pontuar que apesar de suas relações intrínsecas com a natureza, impactos ambientais negativos ainda são produzidos por

comunidades tradicionais, mas têm sua origem vinculada principalmente à negligência social que os deixa, muitas vezes, à beira da marginalidade (Ribeiro, 2021).

As comunidades tradicionais também atuam na conservação da natureza servindo como fonte primária de informações acerca da ocorrência das espécies, isto é, por ocuparem os mesmos territórios que muitas de nossas espécies nativas, esses povos são importantes monitores da fauna e flora, e podem ser os primeiros a identificar riscos de vulnerabilidade ou extinção (Veras *et al,* 2022).

Recorrer aos saberes tradicionais é uma estratégia que tem sido considerada com mais frequência, e visa aumentar os esforços de conservação ao mesmo tempo em que integra e valoriza os conhecimentos produzidos por comunidades tradicionais. Entretanto, como salientam Virtanen *et al.* (2021), é importante levarmos em conta os significados espirituais e cosmológicos atrelados aos conhecimentos dos povos tradicionais, e assim, usá-los e pesquisa-los com devido respeito.

Ao basear um estudo em um ou mais saberes tradicionais, precisamos compreender a sistematização que existe por trás da produção socioafetiva de conhecimento desses povos, e que deve ser levada em consideração na condução de uma pesquisa, para além disso, devemos creditá-los nos projetos desenvolvidos, pois o apagamento histórico é também científico, e nesse mesmo sentido, não devemos tentar transformar todo saber ancestral em cientificamente sistematizado, porque isso reforça a ideia de que para ser digno, um conhecimento deve passar pelos filtros ocidentais científicos (Virtanen *et al,* 2021 ; Dario, 2018).

As aves são um grupo faunístico de muita simbologia para as comunidades tradicionais, pois a figura desses animais, bem como o aproveitamento de sua carne, ovos e penas, é mais do que somente uma prática de subsistência, e constitui fundamentalmente as atividades curativas, espirituais e cotidianas desses povos. Isto é, as comunidades tradicionais interagem com a avifauna e seus produtos de maneiras plurais, que podem envolver aspectos medicinais, cosmológicos, alimentares, artísticos e afetivos (Alves; Souto*,* 2011).

Ao estudo do conhecimento ornitológico produzido por povos tradicionais dá-se o nome de etnoornitologia. Registros escritos dos invasores portugueses, como a histórica carta de Pero Vaz de Caminha, contêm menções e registros das aves observadas em território brasileiro, descritas muitas vezes de maneira simplista e tendendo à comparação das nossas espécies com aquelas que ocorriam em Portugal

(Pinto, 1942). No Brasil a etnoornitologia surge no contato dos colonizadores com os povos nativos, quando se inicia uma investigação portuguesa a respeito da nomenclatura indígena dada às aves (Veras *et al,* 2022). A incorporação da avifauna e seus produtos nessas culturas é fruto de muita observação e experimentação ancestral, não à toa, os saberes ornitológicos nessas comunidades são bastante elaborados, como reconhece Jensen (1985), que identificou em seu estudo similaridades entre a classificação ornitológica de quatro povos indígenas amazônicos e do sistema taxonômico de Lineu.

Ecologicamente, as aves compõem um grupo muito diverso, que oferece serviços ecossistêmicos múltiplos e de grande relevância. Elas podem atuar no controle populacional de artrópodes e alguns outros pequenos vertebrados, na limpeza de carcaças, ciclagem de nutrientes, e ainda, protagonizam os processos de polinização e dispersão de sementes de espécies vegetais (Michel *et al,* 2020). Esses serviços demonstram a importância das aves como agentes na manutenção da biodiversidade e na preservação de áreas verdes.

Por terem um papel tão central na coesão das comunidades dos territórios em que ocorrem, a composição da assembleia de aves pode ser interpretada como um bioindicador (Smits; Fernie, 2012). Quanto maior a riqueza e a ocorrência de espécies endêmicas, vulneráveis ou em algum risco de extinção, maior é o indicativo de saúde ambiental do território em questão (Mekonen, 2017).

Os quilombos se localizam majoritariamente em áreas de sobreposição com remanescentes florestais, e terras indígenas são consideradas aquelas com maior riqueza de vertebrados, quando comparada às Áreas de Proteção Ambiental (APAs) e áreas não protegidas (Schuster *et al,* 2019; Silva, 2008). Essas relações não são lidas como acaso pelos autores, e se dão justamente pelas atividades desenvolvidas de forma sustentável nos territórios habitados pelas comunidades tradicionais. Essas práticas, como o manejo agroecológico do solo e da vegetação e a caça sustentável, preservam o habitat natural das espécies silvestres e, portanto, favorecem o estabelecimento das aves. Assim, é seguro afirmar que comunidades tradicionais abrigam em seus territórios grande riqueza de avifauna, e são espaços propícios para a conservação das espécies.

Em vista disso, este estudo propõe uma revisão bibliográfica acerca dos estudos que articulam comunidades tradicionais e avifauna no Brasil, especificamente

para terras indígenas, quilombolas, ribeirinhas e caiçaras, buscando maior compreensão da abordagem dessas duas temáticas na bibliografia publicada.

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica. Ele foi elaborado a partir de três etapas principais, sendo elas a consulta nas bases de dados, o processo de seleção da bibliografia encontrada e a análise dos dados obtidos. A seguir, o desenvolvimento de cada uma das etapas é descrito.

### 2.1 CONSULTA NAS BASES DE DADOS

Para a obtenção de bibliografia a ser analisada, foram consultadas bases de dados (Scopus, Jstor, Google Scholar, Scielo e Web of Science).

Com o intuito principal de avaliar a publicação científica envolvendo aves e comunidades indígenas, quilombolas, ribeirinhas e caiçaras, foram feitas buscas com os seguintes termos e comandos booleanos: (quilombo*) AND (ave* OR avifauna* AND Brasil*), (comunidade* AND indígena*) AND (ave* OR avifauna* AND Brasil*), (comunidade* AND ribeirinha*) AND (ave* OR avifauna* AND Brasil*) e (comunidade* AND caiçara*) AND (ave* OR avifauna* AND Brasil*), bem como seus respectivos termos em inglês. Para o Google Scholar e Jstor, somente as 10 primeiras páginas de resultados obtidos foram consideradas.

### 2.2 PROCESSO DE SELEÇÃO E CRITÉRIOS UTILIZADOS

Em um primeiro momento, os estudos obtidos foram selecionados a partir de seus resumos. Todos com menção à temas como conservação, ornitologia, saberes e medicina tradicionais ou zooterapia em intersecção com as referidas comunidades tradicionais foram identificados como potenciais estudos a serem inclusos na revisão. Uma segunda seleção foi feita a partir da leitura integral dos textos, em que foram imediatamente desconsiderados aqueles que não foram realizados, nem que de forma parcial, no Brasil. A mesma decisão serviu para os estudos que não abordaram avifauna, conservação ou etnosaberes de forma alguma ao longo de seu desenvolvimento.

### 2.3 ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS

Para analisar melhor os dados contidos em cada um dos estudos, foi organizada uma planilha de fichamento, na qual as informações acerca das publicações, aves e territórios foram inclusas.

Quanto aos estudos, foram identificados a fonte (Dario, Virtanen *et al,* Ribeiro, etc.), título, e os anos inicial e final de coleta de dados e de publicação. Posterior à leitura integral dos textos, sete categorias que contemplam os assuntos abordados nas publicações foram criadas, sendo elas: medicina tradicional, inventário, etnoornitologia, etnoconservação, uso de saberes tradicionais, educação ambiental e interação humano-animal, sendo que um mesmo estudo pode sobrepor duas categorias diferentes. As categorias estão definidas com maiores detalhes no Quadro 1.

**Quadro 1 -** Categorias de estudos publicados e suas definições.

| CATEGORIA | DEFINIÇÃO |
|---|---|
| **Medicina Tradicional** | Publicações sobre práticas medicinais, terapêuticas e curativas de povos tradicionais que envolvam elementos ou produtos obtidos através das aves |
| **Inventário** | Publicações que catalogam e registram espécies de aves ocorrentes em territórios tradicionais |
| **Etnoornitologia** | Publicações que investigam os saberes das comunidades tradicionais a respeito da avifauna |
| **Etnoconservação** | Publicações que investigam saberes e práticas das comunidades tradicionais a respeito da conservação da natureza e do meio ambiente |
| **Uso de saberes tradicionais** | Publicações que analisam e investigam o uso e o emprego dos saberes tradicionais |
| **Educação ambiental** | Publicações que investigam práticas pedagógicas voltadas à conscientização dos povos tradicionais a respeito da avifauna e/ou ao reconhecimento de seus saberes ornitológicos |
| **Interação humano-animal** | Publicações que investigam o modo e o contexto das interações entre humanos e aves nas comunidades tradicionais |

Fonte: Elaborado pelos autores, 2026.

Para as aves, foram identificadas a espécie, ordem, família e origem, sendo consideradas nativas as espécies que ocorrem naturalmente no Brasil, exóticas as espécies introduzidas que estabeleceram populações em nosso território, e não nativas aquelas introduzidas que, até o momento, não estabeleceram populações.

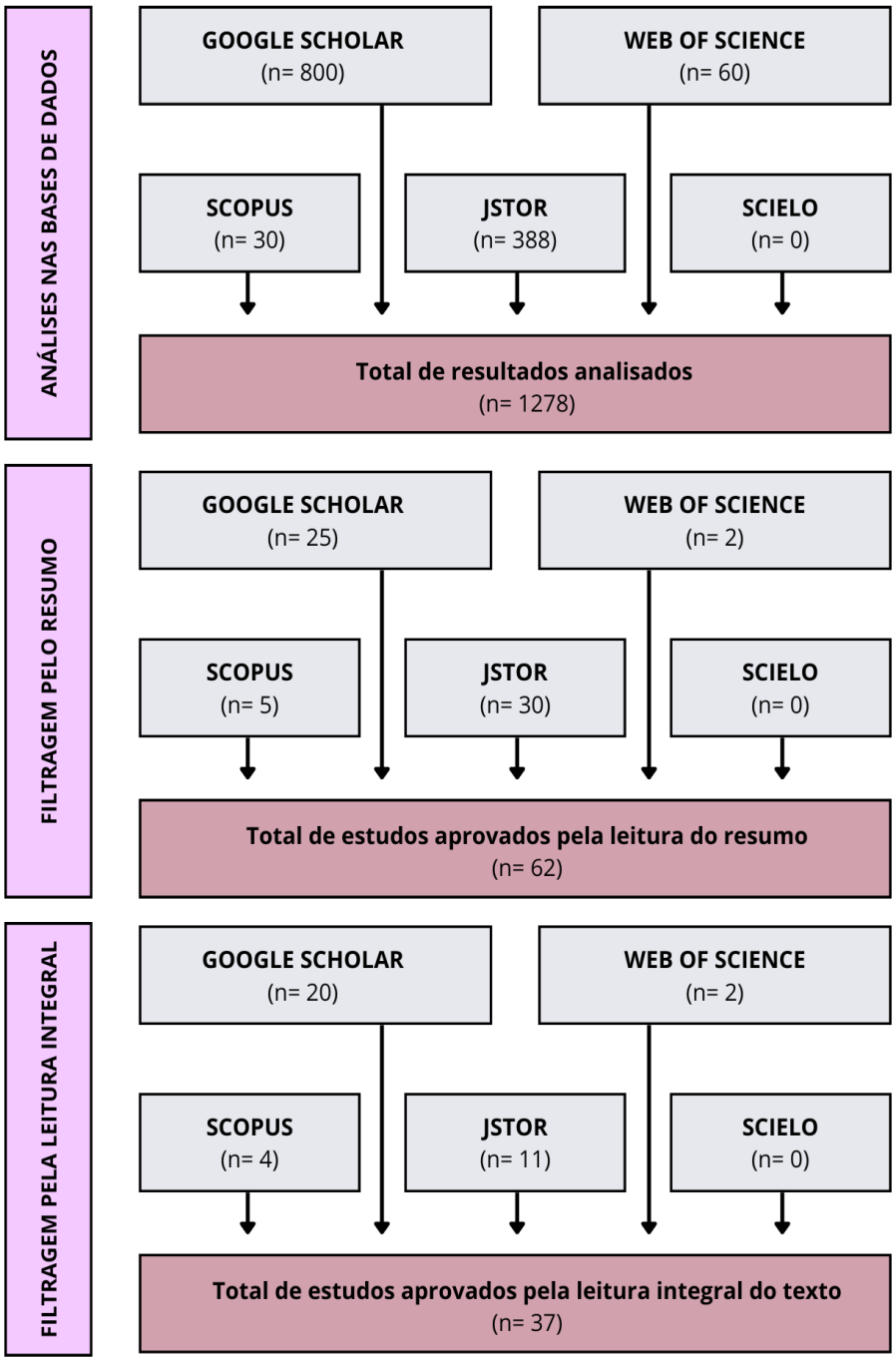
Já para o território, foram identificados o estado, município, localidade, coordenadas geográficas, origem (quilombo, terra indígena, comunidade ribeirinha ou caiçara) e categoria de conservação (Área de Proteção Ambiental, Parque Nacional, Reserva Biológica, etc.) de acordo com o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), instituído pela Lei Nº 9.985 de 18 de julho 2000 (Brasil, 2000).

As informações organizadas foram transpostas para uma tabela dinâmica, permitindo a manipulação dos dados e a obtenção de resultados quantitativos, posteriormente apresentados em gráficos para facilitar a visualização e compreensão.

## 3. RESULTADOS

Totalizaram-se 1.278 publicações analisadas. Utilizando-se primeiro o critério do resumo, foram filtrados 62 estudos, e posteriormente, com a leitura integral dos textos, 37 contemplaram a temática escolhida (Apêndice 1), sendo estes estudos inclusos na etapa de fichamento (Figura 1).

**Figura 1 -** Esquema dos resultados obtidos em cada etapa de busca.




Fonte: Elaborado pelos autores, 2026.

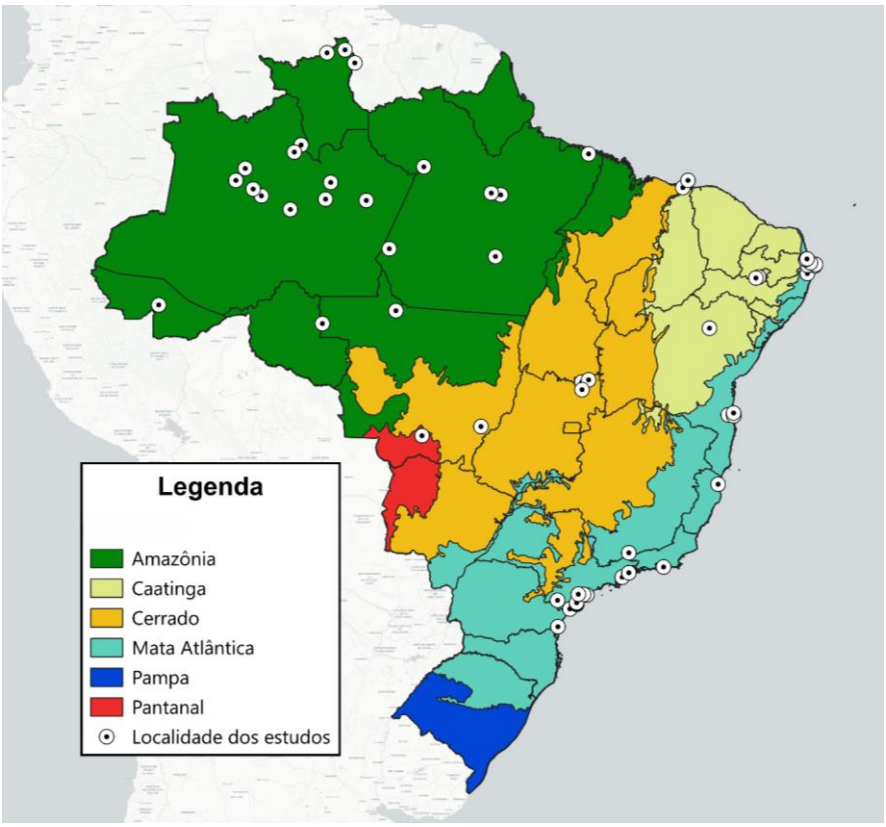
Um total de 502 espécies de aves foram identificadas nas análises totais (Apêndice 2). Desse todo, quatro são consideradas exóticas (Quadro 2), enquanto as outras 498 espécies são nativas do Brasil, e estão distribuídas em 16 estados e 53 municípios (Figura 2). O Amazonas (AM) destaca-se como o estado de maior riqueza de espécies mencionadas (n=303), já o Paraná (PR) como o de menor, com citação de somente uma espécie, o *Eudocimus ruber* (Figura 3). Para os municípios, a maior riqueza se concentra em Itacoatiara (AM), seguida por Ilha Grande no Rio de Janeiro (Figura 4).

**Quadro 2 -** Origem e registro das espécies exóticas.

| Espécie | Origem | Fonte de registro |
|---|---|---|
| *Passer domesticus* | Oriente Médio | Veras *et al.*, 2022 |
| *Passer domesticus* | Oriente Médio | Araújo e Nishida, 2007 |
| *Passer domesticus* | Oriente Médio | Ribeiro, 2017 |
| *Passer domesticus* | Oriente Médio | Santos, 2017 |
| *Estrilda astrild* | Sul da África | Veras *et al.*, 2022 |
| *Estrilda astrild* | Sul da África | Araújo e Nishida, 2007 |
| *Columba livia* | Região do Mediterrâneo | Santos, 2017 |
| *Columba livia* | Região do Mediterrâneo | Ribeiro, 2017 |
| *Bubulcus ibis* | África | Dario, 2020 |
| *Bubulcus ibis* | África | Oliveira e Dario, 2018 |
| *Bubulcus ibis* | África | Ribeiro, 2017 |
| *Bubulcus ibis* | África | Santos, 2017 |

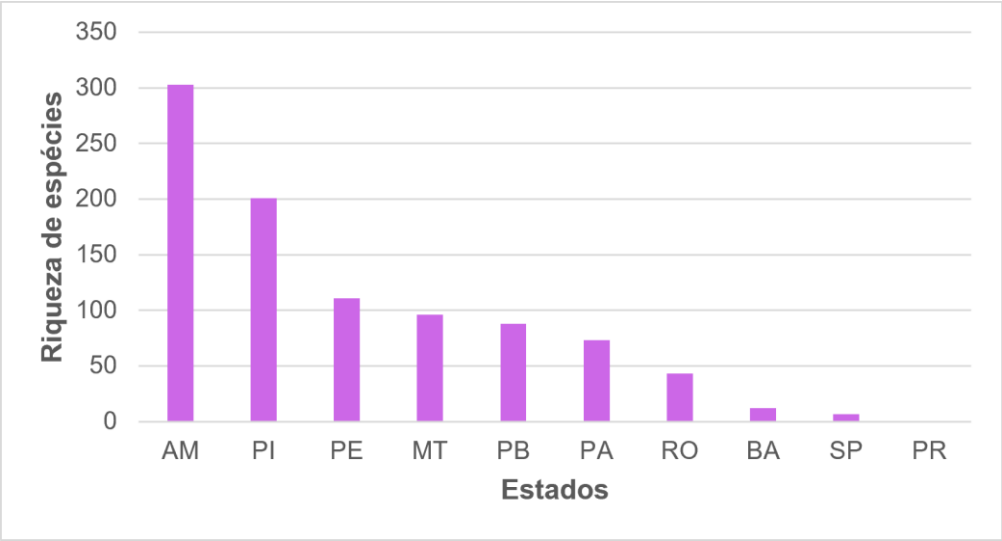
Fonte: Elaborado pelos autores, 2026.

**Figura 2 -** Distribuição geográfica das publicações contempladas na revisão.



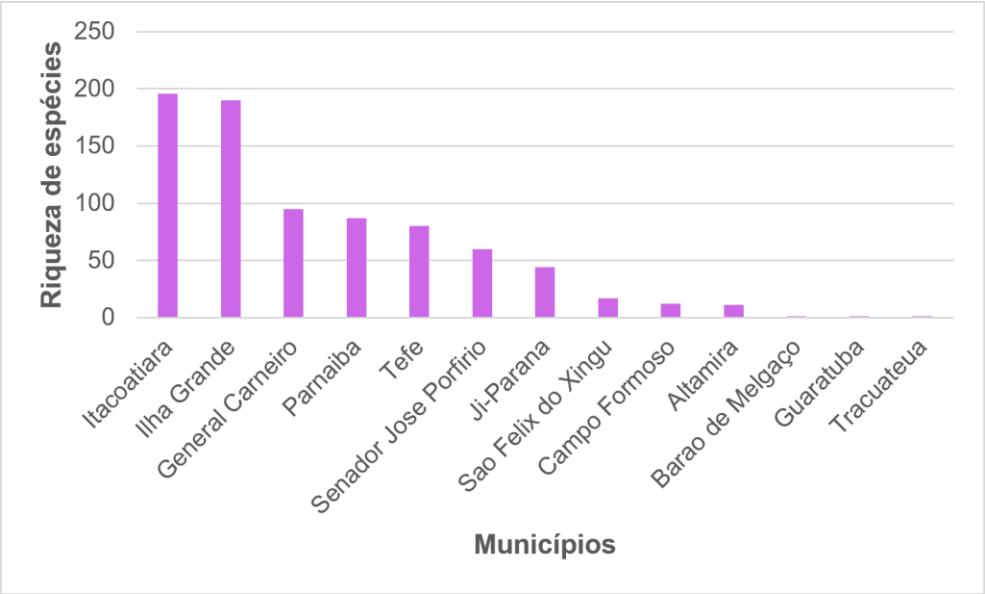

Fonte: Elaborado pelos autores, 2026.

**Figura 3 -** Riqueza de espécies mencionadas em cada estado.




Fonte: Elaborado pelos autores, 2026.

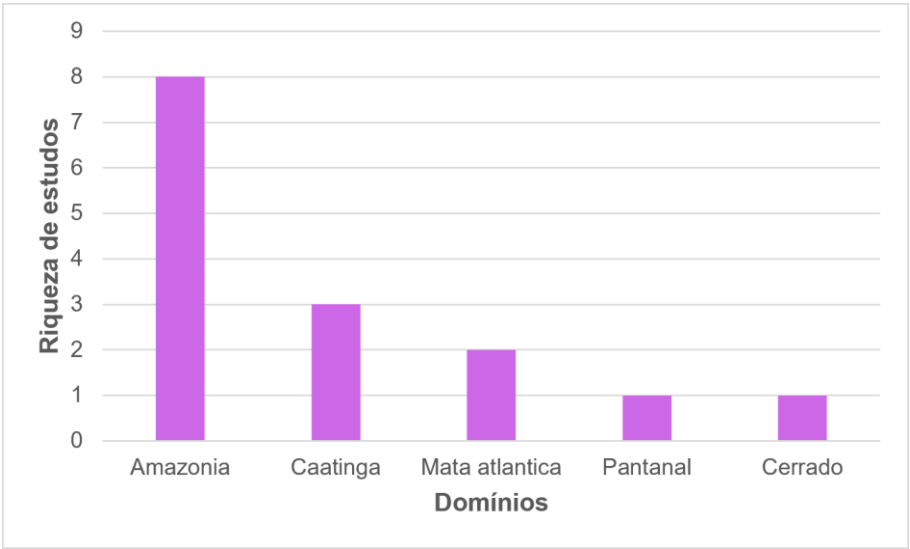
**Figura 4 -** Riqueza de espécies mencionadas em cada município.




Fonte: Elaborado pelos autores, 2026.

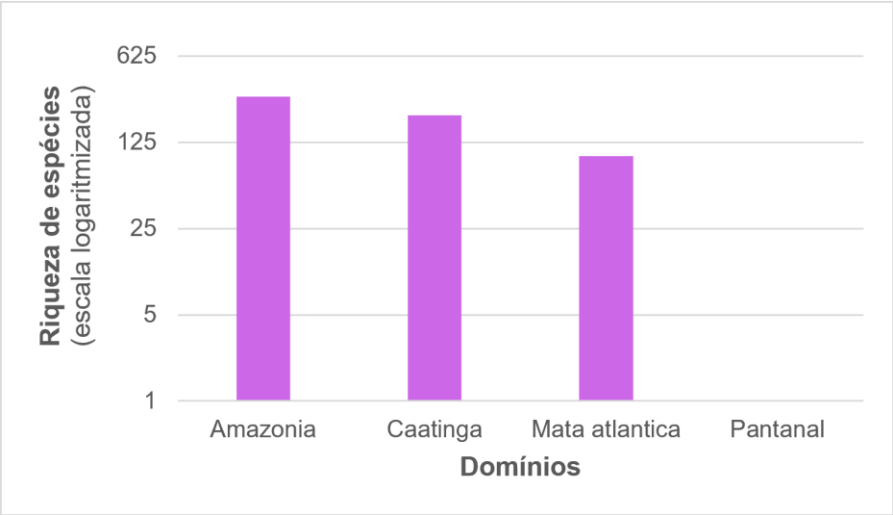
Considerando os estudos que informaram o município onde foram conduzidos, pode-se avaliar a riqueza de espécies e de publicações por domínios. Desta forma, nove estudos foram realizados na Amazônia, três na Caatinga, dois na Mata Atlântica, um no Pantanal e um no Cerrado (Figura 5). A Amazônia destaca-se como o domínio de maior riqueza de espécies, com 292 menções, seguida pela Caatinga com 206 e da Mata Atlântica com 96 (Figura 6).

**Figura 5 -** Riqueza de estudos publicados por domínio fitogeográfico.




Fonte: Elaborado pelos autores, 2026.

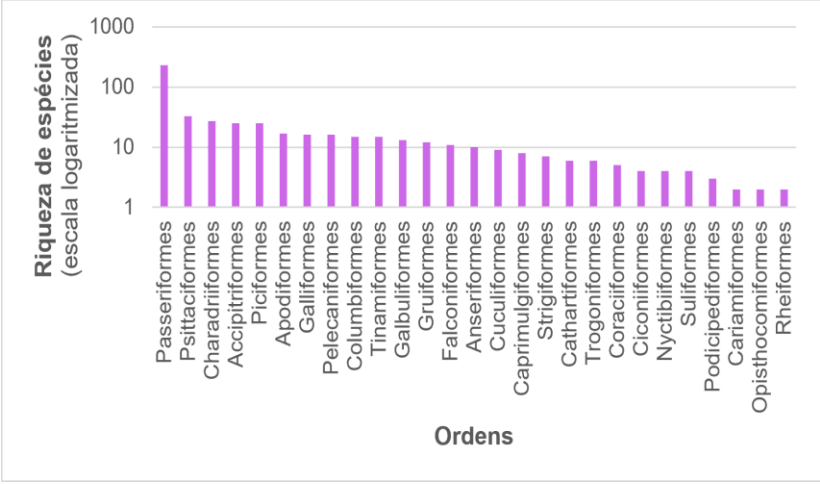
**Figura 6 -** Riqueza de espécies por domínio fitogeográfico.




Fonte: Elaborado pelos autores, 2026.

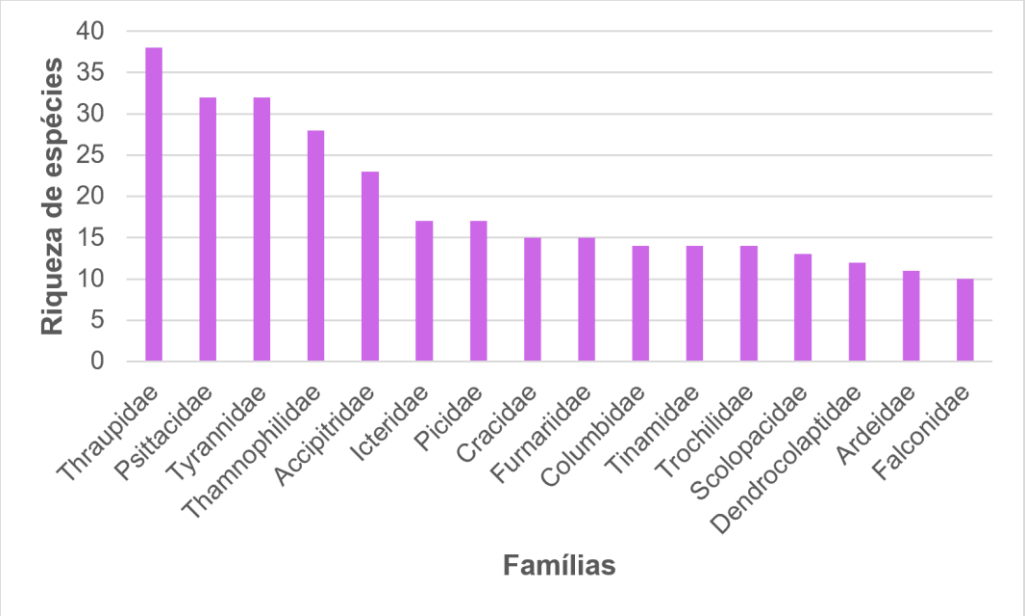
A ordem de aves mais representativa foi a dos Passeriformes, seguida pelos Psittaciformes e Charadriiformes (Figura 7). Por sua vez, as famílias com maior riqueza de espécies mencionadas nos estudos foram Thraupidae, Psittacidae e Tyrannidae (Figura 8). Quanto ao território, 128 espécies foram inventariadas em quilombos, 373 em terras indígenas, 271 em comunidades ribeirinhas e 10 em comunidades caiçaras. Os territórios protegidos citados nos estudos são, em sua maioria, Áreas de Proteção Ambiental (APAs). Os territórios protegidos tiveram 63 espécies inventariadas e os não protegidos 487.

**Figura 7 -** Riqueza de espécies por ordens.




Fonte: Elaborado pelos autores, 2026.

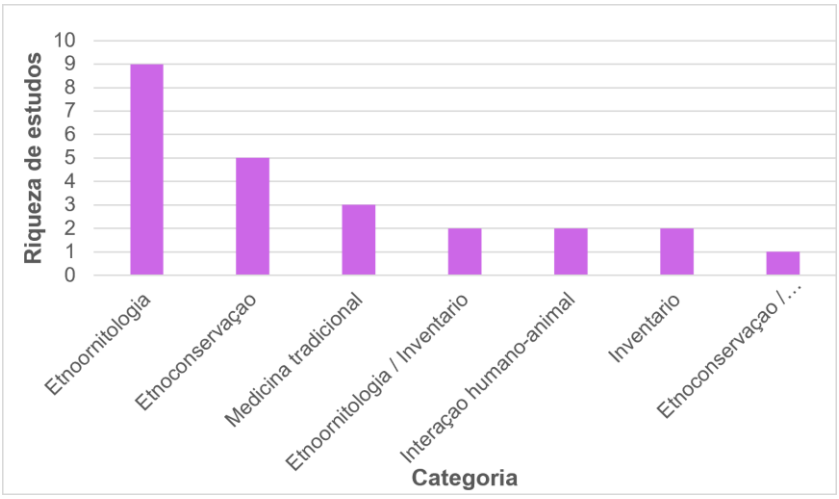
**Figura 8 -** Riqueza de espécies por famílias.




Fonte: Elaborado pelos autores, 2026.

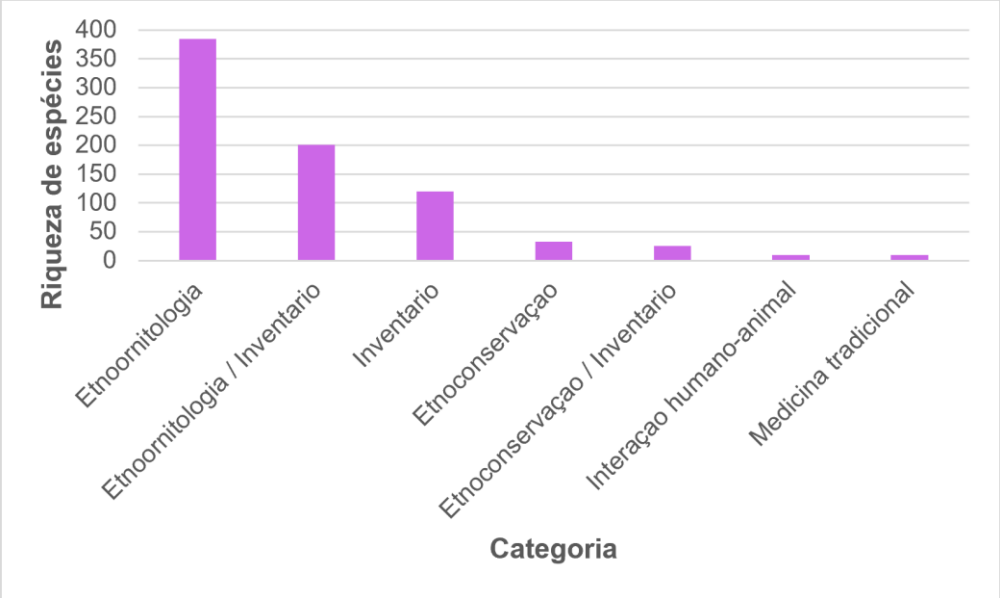
As três categorias de estudos mais representativas foram, respectivamente, etnoornitologia, etnoconservação e medicina tradicional (Figura 9), sendo que a categoria de etnoornitologia concentrou a maior riqueza de espécies (Figura 10). Dentre as fontes, Dario se destaca como a de maior riqueza de espécies mencionadas em suas publicações (Figura 11).

**Figura 9 -** Riqueza de publicações por categoria de estudo.



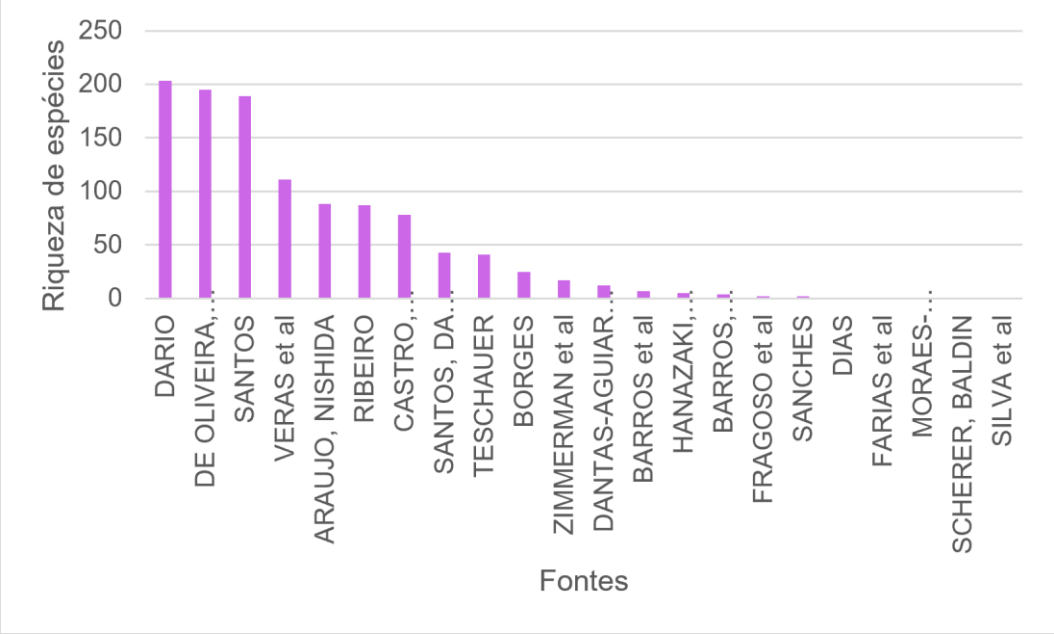

Fonte: Elaborado pelos autores, 2026.

**Figura 10 -** Riqueza de espécies por categoria de estudo.




Fonte: Elaborado pelos autores, 2026.

**Figura 11 -** Riqueza de espécies mencionadas por cada fonte.




Fonte: Elaborado pelos autores, 2026.

## 5. DISCUSSÃO

Foram 31 os estudos que indicaram precisamente os territórios onde foram conduzidos; destes últimos, cinco englobam a categoria de inventário, 13 a de etnoconservação, 11 a de etnoornitologia, um a de uso de saberes tradicionais, dois a de medicina tradicional e dois a de interação humano-animal, ressaltando que um mesmo território pode sobrepor mais de uma categoria de estudos. Mesmo com as diferentes quantidades de publicações entre categorias, houve representatividade de estudos em todas as regiões do país. Assim sendo, a maior parte dos territórios foi estudada sob as lentes da etnoconservação (42%) e etnoornitologia (35%).

O Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO) reconhece em sua lista primária 1.971 espécies de aves brasileiras (Pacheco et al., 2021). Considerando as publicações analisadas, 502 espécies foram mencionadas, o que corresponde a aproximadamente um quarto (25,47%) das aves brasileiras reconhecidas pela CBRO. O estado do Paraná tem registro de 744 espécies (Scherer-Neto *et al.,* 2011), e outros estudos já confirmam o envolvimento cidadão no levantamento da avifauna como um fator importante no preenchimento de lacunas e na contribuição com os dados já existentes (Klemman-Junior *et al.,* 2017), o que nos leva a acreditar que a baixa representatividade de espécies para esse estado reflete, na verdade, uma baixa representatividade de publicações que articulem a avifauna e populações tradicionais nesse estado. Ilha Grande, por sua vez, tem 254 espécies de aves registradas em seu território (Alves *et al.*, 2017), o que se reflete bem nos resultados obtidos, já que aparece como o segundo município com maior riqueza de espécies mencionadas (n=190).

No Cerrado, a riqueza de aves é considerável, com altas taxas de endemismo que se dão em consequência de processos evolutivos complexos (Silva; Santos, 2005). Ainda assim, ele não ganha destaque na pesquisa e na produção científica, uma vez que os estudos em áreas tradicionais tendem a se concentrar na Mata Atlântica e na Amazônia. Santos *et al.* (2023) encontraram em sua revisão um total de 22 estudos publicados contemplando as temáticas “cerrado” e “avifauna”. Esse número por si só explica os resultados nulos, sob o aspecto de menção de espécies, obtidos pela revisão, uma vez que o Cerrado já concentra poucos estudos sobre avifauna, e as buscas realizadas incluem ainda uma terceira variável, que é a tradicionalidade do território. Batalha *et al.* (2010) concluíram em sua pesquisa que a

extinção local de aves do Cerrado pode culminar na perda significativa da diversidade funcional nas comunidades, e portanto, defende o estudo dessa região como necessário e merecedor de mais destaque. Parte-se do mesmo pressuposto para pensar os resultados obtidos para o Pantanal, uma região biodiversa e influenciada por seus domínios fitogeográficos vizinhos, como o próprio Cerrado, e que registra a ocorrência de 582 aves em seu território (Nunes, 2011). A região que compreende o Pantanal é altamente impactada pelo desmatamento, praticado visando o estabelecimento de pastagens, e que causa distúrbios de habitats naturais que podem resultar em mudanças no ciclo hidrológico, no controle do fogo e das mudanças climáticas (Alho *et al.,* 2019). Estes fatores afetam as comunidades de aves, bem como os assentamentos humanos, e se acentuam nas populações marginalizadas, como as tradicionais. É provável que a menção de somente uma espécie para o Pantanal esteja relacionada com a baixa publicação a respeito da temática analisada.

A Mata Atlântica é um *hotspot* de biodiversidade brasileira, um verdadeiro berço de endemismo no nosso país, que um dia cobriu milhões de quilômetros na costa atlântica, mas que sofre as consequências da pressão antrópica, como pontuam Vale *et al.* (2018). Os autores registraram a ocorrência de 223 espécies endêmicas em contraste com as 96 espécies (endêmicas e não endêmicas) levantadas pela revisão. Esse número coloca a Mata Atlântica em terceiro lugar no ranking de domínios com maior riqueza de espécies mencionadas, mas representa somente 14% do total de aves dessa região. Há uma proporção direta entre taxas de endemismo de espécies e linguagens endêmicas, isto é, onde as espécies endêmicas são abundantes, também são os povos culturalmente biodiversos (Gruber e Mattos, 2022). Em uma área tão vulnerável como a Mata Atlântica, onde tantas espécies estão sob ameaça de extinção, podemos considerar o mesmo para as comunidades tradicionais. Por esse motivo, os resultados podem ser subestimados, visto que o alvo da pesquisa pode ser composto por povos que vivem ameaçados na região.

A Caatinga também conquista seu espaço no ranking, ficando em segundo lugar como domínio mais rico em espécies de aves mencionadas. É considerado, erroneamente, “pobre” em biodiversidade, e foi investigado de maneira mais tardia se comparado aos demais, mas abriga abundância e riqueza de espécies (Pacheco, 2004). As problemáticas ambientais também se fazem presentes nas regiões de

Caatinga, e compreendem principalmente o empobrecimento, o desmatamento e a pressão antrópica.

Por fim, a Amazônia lidera a riqueza de espécies, o que era esperado, afinal de contas, ela se constitui como o maior domínio do país (Brasil, 2021), com um território extenso que tem maior capacidade de abrigar diversidade de avifauna e de comunidades tradicionais. A região norte comporta 44% da população indígena, o que corresponde à maior parte dessa população em todo o território brasileiro (Brasil, 2026), e a maior concentração de espécies de aves residentes, bem como de aves endêmicas, ocorrem na Amazônia (Mittermeier *et al.,* 2003). Assim, fica esclarecida a maior concentração de estudos e de menções de espécies (292) nos territórios amazônicos.

As aves são animais de grande importância para a conservação, pois oferecem serviços ecossistêmicos que garantem a manutenção de áreas verdes, e no geral, são fundamentais para o equilíbrio dos ecossistemas. Mas, para além disso, no cotidiano das comunidades tradicionais elas desempenham diversas outras funções: propiciam a garantia de alimento, através da dispersão de árvores frutíferas, mas também, se tornam alimento a partir da caça, servindo como fonte nutricional enquanto as partes não consumidas são aproveitadas no preparo de infusões e outras receitas curativas que constituem as práticas medicinais dessas comunidades, que muitas vezes não têm acesso a feiras, mercados, farmácias e postos de saúde (Fragoso *et al.,* 2022; Scaramuzzi, 2019). Os restos de cadáveres, como penas, bicos e esqueletos podem ser incorporados nos elementos artísticos, musicais e ritualísticos desses povos (Dario, 2020).

As populações tradicionais tomam medidas específicas no manejo do ambiente, seja no cuidado com o descarte de cadáveres próximos à corpos d'água, no manejo de corte e queima do solo, ou nos próprios critérios utilizados para a escolha de um indivíduo ou espécie a ser caçada (Scaramuzzi, 2019; Borges, 2007). Esses cuidados são fundamentais para a constituição de práticas de subsistência sustentáveis, mas são ignorados em diversos contextos pelos gestores dos territórios, que no geral, não pertencem às comunidades e não compreendem as práticas e princípios ecológicos que guiam esses povos, expondo-os à diversas violências ambientais, com as quais as comunidades, em sua maioria, não compactuam (Moraes-Ornellas *et al.,* 2023; Veras *et al.,* 2022).

Um exemplo bastante simbólico da invisibilidade das comunidades tradicionais nos estudos e nas tomadas de decisão ambientais ocorre dentro do Parque Estadual Turístico do Alto do Ribeira (PETAR), localizado entre os municípios de Iporanga e Apiaí, São Paulo, em que a transformação do território em uma Área de Proteção Integral desconsidera as tradições e práticas essenciais do povo quilombola Bombas, que habita áreas sobrepostas às do PETAR. Como conta Thorkildsen (2014), esses povos foram privados da caça, da pesca, do plantio e do manejo do fogo, e teriam optado por espaços e estratégias específicos para conduzir suas práticas de subsistência, mas precisaram transpor o cultivo para áreas que consideravam inadequadas, a fim de que conseguissem se alimentar sem receber multas dos guardas do parque.

As práticas sustentáveis, que favorecem o estabelecimento e o aumento na abundância e riqueza das aves, atravessam as gerações dos povos tradicionais através da memória biocultural, que têm perdido sua força dentro de algumas comunidades. O êxodo para centros urbanos na busca por condições melhores de vida e trabalho têm tirado das terras tradicionais muitos de seus moradores, além disso, a precarização da saúde coloca em risco os mais antigos, enquanto a baixa natalidade impede o crescimento da população, prejudicando a transmissão dos saberes (Moraes-Ornella *et al.,* 2023). O apagamento histórico, científico e político dessas comunidades não é por acaso, e serve como articulador na fragilização da memória biocultural.

Não existe um número oficial de territórios tradicionais no Brasil, pois somente terras indígenas e quilombolas têm sua demarcação assegurada, o que acaba por impedir os outros 26 segmentos de comunidades tradicionais brasileiras de garantir a posse de suas terras e compor o número de um censo. Além disso, mesmo os territórios indígenas e quilombolas sofrem com a burocracia criteriosa e demorada, que mantém, até os dias de hoje, muitos povos no aguardo pelo andamento ou finalização do processo de demarcação de suas terras (Sandroni, 2023).

## 4. CONCLUSÃO

A revisão contempla todas as regiões brasileiras, bem como quase todos os domínios morfoclimáticos e fitogeográficos, com exceção do Pampa, que não apareceu em nenhuma das buscas. No total, 25% de toda a avifauna brasileira foi mencionada nos estudos analisados, um resultado bastante positivo e que reforça a importância dos povos tradicionais como preservadores do meio ambiente, por meio de suas práticas e de seus saberes elaborados.

Neste projeto, foram revisados estudos conduzidos em 57 localidades tradicionais diferentes, apesar do total compor um esforço amostral bastante simbólico em nível nacional, ele não é representativo para todas as comunidades tradicionais existentes, uma vez que mesmo territórios extensos e muito conhecidos, como o Quilombo dos Palmares ou a Terra Indígena Yanomami, não foram mencionados nas buscas. Entende-se, portanto, que para muitos territórios tradicionais, existe ainda uma lacuna muito grande de entendimento acerca da diversidade de aves, que precisa ser preenchida com pesquisas que considerem as particularidades dos ambientes ocupados por povos tradicionais. A ausência de mais estudos que abordem essa temática parece se dar mais por uma questão de prioridade do que pela possibilidade, já que as comunidades tradicionais são abundantes e ocorrem em todos os domínios do nosso país.

As categorias mais representativas, etnoconservação e etnoornitologia, por compreenderem metodologias e concepções que levam em consideração os saberes e práticas dos povos tradicionais, deixam a esperança de que os territórios estão sendo analisados de maneira respeitosa e integrativa, sob a lente da etnografia, apesar da lacuna de terras e comunidades que passam despercebidos pelos pesquisadores da conservação.

# REFERÊNCIAS

ALHO, Cleber; MAMEDE, Simone; BENITES, Maristela; ANDRADE, Bruna; SEPÚLVEDA, Jose. Threats to the biodiversity of the Brazilian Pantanal due to land use and occupation. **Ambiente & Sociedade,** vol. 22, 2019.

ALVES, Maria; VECCHI, Maurício; VALLEJOS, Luis; RIBEIRO, Edvandro; MARTINS-SILVA, Jimi; CLAIR, Rafael. New Records of bird species from Ilha Grande, state of Rio de Janeiro, southeastern Brazil. **Check List,** vol. 12, n. 6, dez. 2016. DOI: https://doi.org/10.15560/12.6.2017

ALVES, Rômulo; SOUTO, Wedson. Ethnozoology in Brazil: current status and perspectives. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 7, n. 22, 2011.

BATALHA, Marco; CIANCIARUSO, Marcus; MOTTA-JUNIOR, José. Consequences of Simulated Loss of Open Cerrado Areas to Bird Functional Diversity. **Natureza e Conservação,** vol. 8, n. 1, p. 34-40, 2010.

BORGES, Sérgio. Bird Assemblages in Secondary Forests Developing after Slash-and-Burn agriculture in the Brazilian Amazon. **Journal of Tropical Ecology,** vol. 23, n.4, p. 469-477, jul. 2007. DOI: i:10. 1017/S0266467407004105

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima. **Amazônia.** [s.l], dez. 2021. Disponível em: https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biodiversidade-e-biomas/biomas-e-ecossistemas/biomas/amazonia. Acesso em: 02/07/2026.

BRASIL. Fundação Nacional dos Povos Indígenas. **Geoprocessamento e Mapas de Terras Indígenas**. Brasília, [s.d.]. Disponível em: https://www.gov.br/funai/pt-br/atuacao/terras-indigenas/geoprocessamento-e-mapas?activeTab=968d3a80c46a43e086dcc5cf1c3b04f0. Acesso em: 30 jun. 2026.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022**. Brasília, [s.d.]. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/rendimento-despesa-e-consumo/22827-censo-demografico-2022.html. Acesso em: 30 jun. 2026.

BRASIL. **Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000**. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 19 jul. 2000.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima. **Povos e Comunidades Tradicionais.** Brasília, . Disponível em: https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/povos-e-comunidades-tradicionais. Acesso em: 30 jun. 2026.

DARIO, Fabio. Conhecimento tradicional da avifauna pelos indígenas Kayabi, Amazônia Meridional, Brasil. **GEOTemas**, vol. 8, n. 3, 2018.

DARIO, Fabio. The relationship between Bororo Indigenous and the birds in the Brazilian Savannah. **World News of Natural Sciences,** vol. 31, p. 9-24, 2020.

FRAGOSO, Fernanda; SAUINI, Thamara; SAWAYA, Ricardo; TOLEDO, Lucas; TARIFA, José; RODRIGUES, Eliana. Animais medicinais utilizados por duas comunidades quilombolas da Mata Atlântica, Ubatuba, São Paulo, Brasil. **Etnobiología,** vol. 20, n.1, 2022.

GRUBER, Gabriel; MATTOS, Thamires. Silenced guardians of knowledge: indigenous peoples and climate change in Brazilian newspapers. **Journal of Global Indigeneity,** vol. 6, n. 3, 2022.

HOUDE, Nicolas. **T**he Six Faces of Traditional Ecological Knowledge: Challenges and Opportunities por Canadian Co-Management Arrangements. **Ecology and Society**, vol. 12, n. 2, p. 34, 2007.

JENSEN, Allen. **Sistemas Indígenas de Classificação de Aves: Aspectos Comparativos, Ecológicos e Evolutivos.** Tese (Pós Doutorado) – Universidade de Campinas, Campinas, 1985.

KEFALEW, Alemayehu; SINTAYEHU, Sara; GEREMEW, Addisie. Ethnoecological knowledge allied to the management of wild medicinal plants in Ada'a District, East Shewa Zone of Oromia Regional State, Ethiopia**. International Journal of Biodiversity and Conservation**, vol. 14, n. 1, p. 35-52, jan. 2022. DOI: 10.5897/IJBC2019.1311

KLEMAN-JUNIOR, Louri; VALLEJOS, Marcelo; SCHERER-NETO, Pedro; VITULE, Jean. Traditional scientific data vs. uncoordinated citizen science effort: A review of the current status and comparison of data on avifauna in Southern Brazil. **Plos one,** vol. 12, n. 12, dez. 2017. DOI: https://doi.org/10.1371/journal.pone.0188819

MEKONEN, Sefi. Birds as Biodiversity and Environmental Indicator. **Advances in Life Science and Technology,** vol. 60, 2017.

MICHEL, Nicole; WHELAN, Christopher; VERUTES, Gregory. Ecosystem services provided by Neotropical birds. **Ornithological Applications,** vol. 122, p. 1-21, 2020. DOI: 10.1093/condor/duaa022

MITTERMEIER, Russel; MITTERMEIER, Cristina; BROOKS, Thomas; PILGRIM, John; KONSTANT, William; FONSECA, Gustavo; KORMOS, Cyril. Wilderness and biodiversity conservation. **PNAS,** vol. 100, n. 18, p. 10309-10313, 2003. DOI: www.pnas.orgcgidoi10.1073pnas.1732458100

MORAES-ORNELLAS, Valeria; SANTOS, Isabelle; FERNANDES, Marcus. Ecologia Cultural da Comunidade Quilombola do Torres, Tracuateua - PA. **Revista GeoAmazônia,** vol. 11, n. 22, p. 117-143, 2023.

NUNES, Alessandro. Quantas espécies de aves ocorrem no Pantanal Brasileiro? **Atualidades Ornitológicas On-line,** n. 160, mar. 2011.

PACHECO, Fernando. As aves da Caatinga: uma análise histórica do conhecimento. Em: **Biodiversidade da Caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação.** Brasília, 2004.

PACHECO, José; SILVEIRA, Luís; ALEIXO, Alexandre; AGNE, Carlos; BENCKE, Glayson; BRAVO, Gustavo; BRITO, Guilherme; COHN-HAFT, Mario; MAURÍCIO, Giovanni; NAKA, Luciano; OLMOS, Fabio; POSSO, Sérgio; LEES, Alexander; FIGUEIREDO, Luiz; CARRANO, Eduardo; GUEDES, Reinaldo; CESARI, Evaldo; FRANZ, Ismael; SCHUNK, Fabio; PIACENTINI, Vitor. Annotated checklist of the birds of Brazil by the Brazilian Ornithological Records Committee – second edition. **Ornithology Research,** vol. 29, p. 94-105, 2021. DOI: https://doi.org/10.1007/s43388-021-00058-x

PINTO, Olivério. Notas sobre as aves mencionadas por Pero Vaz de Caminha. **Papéis Avulsos de Zoologia**,v. 2, n. 1-21, p. 135-142, 1942.

RIBEIRO, Maurivan; NOVAIS, Vanessa; BASTOS, Leila; ALMEIDA, Rafaella; OLIVEIRA, Waléria; KOPP, Kátia. O Estado da Arte a Respeito dos Estudos de Educação Ambiental Realizados em Comunidades Quilombolas no Brasil. **Pesquisa em Educação Ambiental**, vol. 16, n. 2, 2021. DOI: http://dx.doi.org/10.18675/2177-580X.2021-15014

SANDRONI, Laila. Conservation at Stake: Institutionalizes Environmentalisms and Indigenous Knowledges About How to Protect the Brazilian Atlantic Forest. **Ethnobiology Letters,** vol. 14, n. 2, p. 72-82, 2023.

SANTOS, Tatiane; SANTOS, Suely; BRANDÃO, Bruna; GOMES, Irene; SIQUEIRA, Airton; SANTOS, Mariana; DINIZ, Mateus; GOMES, Maria. Aves do Cerrado: uma revisão bibliométrica de estudos de avifauna no segundo maior bioma da América do Sul. **Contribuciones a Las Ciencias Sociales,** vol. 16, n. 10, p. 24728-24744, 2023. DOI: 10.55905/revconv.16n.10-353

SCARAMUZZI, Igor. Arte de “arremedar”: atos de criação entre humanos e animais no Alto Trombetas (Pará, Brasil). **Etnográfica,** vol. 23, n. 1, p. 69-86, 2019.

SCHERER-NETO, Pedro; STRAUBE, Fernando; CARRANO, Eduardo, URBEN-FILHO, Alberto. **Lista das Aves do Paraná.** Curitiba: Hori Consultoria Ambiental, 2011.

SCHUSTER, Richard; GERMAIN, Ryan; BENNETT, Joseph; REO, Nicholas; ARCESE, Peter. Vertebrate biodiversity on indigenous-managed lands in Australia, Brazil and Canada equals that in protected areas. **Environmental Science and Policy,** vol. 101, p. 1-6, 2019. DOI: https://doi.org/10.1016/j.envsci.2019.07.002

SILVA, José; SANTOS, Marcos. A importância relativa dos processos biogeográficos na formação da avifauna do Cerrado e de outros biomas brasileiros. Em: **Cerrado: ecologia, biodiversidade e conservação.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005.

SMITS, Judit; FERNIE, Kimberly. Avian wildlife as sentinels of ecosystem health. **Comparative Immunology, Microbiology and Infectious Diseases,** vol. 23, p. 333-342, 2013.

THORKILDSEN, Kjersti. Social-Ecological Changes in a Quilombola Community in the Atlantic Forest of Southeastern Brazil. **Human Ecology,** vol. 42, p. 913-927, 2014. DOI: 10.1007/s10745-014-9691-3

VALE, Mariana; TOURINHO, Luara; LORINI, Maria; RAJÃO, Henrique; FIGUEIREDO, Marcos. Endemic birds of the Atlantic Forest: traits, conservation status, and patterns of biodiversity. **Journal of Field Ornithology,** vol. 89, n. 3, p.193-206, 2018. DOI: 10.1111/jofo.l2256

VERAS, Aurea; ALMEIDA, Cauê; MORAES, Lorena; FERNANDES, Alexandre. Ethnoornithology and bird conservation in Afro-descendant Communities in the Brazilian Caatinga. **Ethnobiology Letters,** vol. 13, n.1, p. 1-15, 2022.

VIRTANEN, Pirjo; KESKITALO, Pigga; OLSEN, Torjer. Kimapury Reflections: Values and Research Agendas in Amazonian Indigenous Research Relations. Em: Indigenous Research Methodologies in Sámi and Global Contexts. **New Research - new voices**, vol. 11, 2021. DOI: 10.1163/9789004463097_010

# APÊNDICE A – REFERÊNCIAS RECUPERADAS NA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA, ORGANIZADAS EM ORDEM CRONOLÓGICA DE PUBLICAÇÃO E, DENTRO DE CADA ANO, EM ORDEM ALFABÉTICA PELO SOBRENOME DO PRIMEIRO AUTOR E PELO TÍTULO DO DOCUMENTO.


1. TESCHAUER, Carlos. **Avifauna e flora nos costumes, superstições e lendas brasileiras e americanas: estudos ethnologicos**. Barcellos: Bertaso & Cia., 1925.

2. SANCHES, Rosely Alvim. Caiçara communities of the southeastern coast of São Paulo State (Brazil): traditional activities and conservation policy for the Atlantic Rain Forest. **Human Ecology Review**, v. 8, n. 1, p. 52–64, 2001.

3. ZIMMERMAN, Barbara et al. Conservation and development alliances with the Kayapó of south-eastern Amazonia, a tropical forest indigenous people. **Environmental Conservation**, v. 28, n. 1, p. 10–22, 2001.

4. DE ARAÚJO, Helder Farias Pereira; NISHIDA, Alberto Kioharu. Conhecimento de pescadores artesanais sobre a composição da avifauna em estuários paraibanos: uma contribuição para a conservação. **Sitientibus Série Ciências Biológicas**, v. 7, n. 1, p. 67–77, 2007.

5. BORGES, Sérgio Henrique. Bird assemblages in secondary forests developing after slash-and-burn agriculture in the Brazilian Amazon. **Journal of Tropical Ecology**, v. 23, n. 4, p. 469–477, 2007.

6. SILVA, Simone Rezende da. **Negros na Mata Atlântica, territórios quilombolas e a conservação da natureza**. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

7. HANAZAKI, Natalia; ALVES, Rômulo R. N.; BEGOSSI, Alpina. Hunting and use of terrestrial fauna used by Caiçaras from the Atlantic Forest coast (Brazil). **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 5, n. 1, p. 36, 2009.

8. BARROS, Flávio B.; PEREIRA, Henrique M.; VICENTE, Luís. Use and knowledge of the razor-billed curassow Pauxi tuberosa (Spix, 1825) (Galliformes, Cracidae) by a riverine community of the Oriental Amazonia, Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 7, n. 1, p. 1, 2011.

9. DANTAS-AGUIAR, Pâmela Roberta et al. Hunting activities and wild fauna use: a profile of Queixo d'Antas community, Campo Formoso, Bahia, Brazil. **Bioremediation, Biodiversity and Bioavailability**, v. 5, n. 1, p. 34–43, 2011.

10. DANTAS, Marcos Pérsio; SILVA, Glauko Correa da; REIS, Aldimar Lima. Birds of the Igarapé Lourdes Indigenous Territory, Ji-Paraná, Rondônia, Brazil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, v. 19, n. 4, p. 15, 2013.

11. BARROS, Flávio B. et al. Medicinal use of fauna by a traditional community in the Brazilian Amazonia. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 8, n. 1, p. 37, 2012.

12. SCHERER, Francine Amelia Schaufelberger; BALDIN, Nelma. A representação social do guará (Eudocimus ruber) nas falas e percepções das comunidades ribeirinhas de Guaratuba (PR): a educação ambiental necessária. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 31, 2014.

13. THORKILDSEN, Kjersti. Social-ecological changes in a Quilombola community in the Atlantic Forest of southeastern Brazil. **Human Ecology**, v. 42, n. 6, p. 913–927, 2014.

14. MISTRY, Jayalaxshmi; BILBAO, Bibiana A.; BERARDI, Andrea. Community owned solutions for fire management in tropical ecosystems: case studies from Indigenous communities of South

America. **Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences**, v. 371, n. 1696, 2016.

15. RIBEIRO, Arthur Serejo Neves. **Perigo aviário no Aeroporto Internacional Prefeito Dr. João Silva Filho e a percepção deste risco pela comunidade Chafariz em Parnaíba/PI**. 2017.

16. SANTOS, Francisco das Chagas Vieira. **Impactos ambientais do Complexo Eólico Delta do Parnaíba sobre a avifauna e os saberes etnoornitológicos na comunidade Labino, Piauí, Brasil**. 2017.

17. DARIO, Fabio Rossano. Conhecimento tradicional da avifauna pelos indígenas Kayabi, Amazônia Meridional, Brasil. **Revista Geotemas**, v. 8, n. 3, p. 140–160, 2018.

18. SILVA DE OLIVEIRA, Natalia Livramento da; DARIO, Fabio Rossano. Diversity of birds and their ecological interactions in the Mura Indigenous Territory, Brazilian Amazon Rainforest. **World News of Natural Sciences**, v. 20, p. 85–102, 2018.

19. CARMENTA, Rachel; COUDEL, Emilie; STEWARD, Angela M. Forbidden fire: does criminalising fire hinder conservation efforts in swidden landscapes of the Brazilian Amazon? **The Geographical Journal**, v. 185, n. 1, p. 23–37, 2019.

20. SCARAMUZZI, Igor. Arte de "arremedar": atos de criação entre humanos e animais no Alto Trombetas (Pará, Brasil). **Etnográfica**, v. 23, n. 1, p. 69–86, 2019.

21. SCHUSTER, Richard et al. Vertebrate biodiversity on indigenous-managed lands in Australia, Brazil, and Canada equals that in protected areas. **Environmental Science & Policy**, v. 101, p. 1–6, 2019.

22. DARIO, Fabio Rossano. The relationship between Bororo Indigenous and the birds in the Brazilian Savannah. **World News of Natural Sciences**, v. 31, p. 9–24, 2020.

23. PETERSON, Debora; HANAZAKI, Natalia; BERKES, Fikret. Do we all speak the same language when talking conservation? Caiçara understandings of conservation in their landscape. **Conservation and Society**, v. 18, n. 3, p. 238–251, 2020.

24. RIBEIRO, Maurivan Vaz. O estado da arte a respeito dos estudos de educação ambiental realizados em comunidades quilombolas no Brasil. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 16, n. 2, p. 79–94, 2021.

25. VIRTANEN, Pirjo Kristiina. Kimapury reflections: values and research agendas in Amazonian Indigenous research relations. In: **Indigenous Research Methodologies in Sámi and Global Contexts**. [S.l.: s.n.], 2021. p. 229.

26. DIAS, Jamille Pinheiro. Environmental thinking and Indigenous arts in Brazil today. **Journal of Latin American Cultural Studies**, v. 31, n. 1, p. 141–157, 2022.

27. FRAGOSO, Fernanda et al. Animais medicinais utilizados por duas comunidades quilombolas da Mata Atlântica, Ubatuba, São Paulo, Brasil. **Etnobiología**, v. 20, n. 1, p. 97–115, 2022.

28. GRUBER, Gabriel Diniz; MATTOS, Thamires Ribeiro de. Silenced guardians of knowledge. **Journal of Global Indigeneity**, v. 6, n. 3, p. 1–15, 2022.

29. VERAS, Aurea Palloma Bezerra Barbosa et al. Ethnoornithology and bird conservation in Afro-descendant communities in the Brazilian Caatinga. **Ethnobiology Letters**, v. 13, n. 1, p. 1–15, 2022.

30. DOS SANTOS MORAES-ORNELLAS, Valeria; SANTOS, Isabelle Lorrane Silva; FERNANDES, Marcus Emanuel Barroncas. Ecologia cultural da comunidade quilombola do Torres, Tracuateua-PA. **Revista GeoAmazônia**, v. 11, n. 22, p. 117–143, 2023.

31. SANDRONI, Laila Thomaz. Conservation at stake: institutionalized environmentalisms and Indigenous knowledges about how to protect the

Brazilian Atlantic Forest. **Ethnobiology Letters**, v. 14, n. 2, p. 72–82, 2023.

32. CAMACHO, Igor; BAHIA, Joana. **Entre imbiuás e pescadores: etnoornitologia dos pescadores artesanais da Praia de Zacarias, Município de Maricá, Estado do Rio de Janeiro**. Interciência, 2024.

33. KALTMEIER, Olaf et al. Introduction: biodiversity and the Anthropocene in Latin America from 1950 to the present. In: **Biodiversity: Handbook of the Anthropocene in Latin America II**. [S.l.: s.n.], 2024.

34. CASTRO, Renilce Carvalho de; BERNHARD, Rafael; LIMA, Ana Caroline Gomes de. Diversidade de aves em uma ilha de várzea do médio Solimões, Tefé, Amazonas, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Naturais**, v. 19, n. 1, 2024.

35. DARIO, Fabio Rossano. Ethno-ornithological knowledge of Indigenous people of the Amazon rainforest. **World News of Natural Sciences**, v. 53, p. 60–73, 2024.

36. FARIAS, Altair Seabra de et al. Therapeutic resources used by traditional communities of the Brazilian Amazon: a scoping review. **Rural and Remote Health**, v. 24, n. 4, 2024.

37. RIGATTO, Katya. **Cultural, ecological, and agroecological rural tourism as promoters of environmental preservation and equitable sustainable development for Kalunga quilombola community in Brazil**.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2026.

**APÊNDICE B - LISTA DAS 502 ESPÉCIES DE AVES REGISTRADAS NOS 37 ESTUDOS RECUPERADOS PELA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.**

| Espécies | Nome vernáculo | Fontes |
|---|---|---|
| *Rhea americana* | ema | 1, 22 |
| *Tinamus tao* | azulona | 11, 17, 35 |
| *Tinamus solitarius* | macuco | 2, 27 |
| *Tinamus major* | inhambu-serra | 18, 35 |
| *Tinamus guttatus* | inhambu-galinha | 18 |
| *Crypturellus cinereus* | inhambu-pixuna | 35 |
| *Crypturellus soui* | tururim | 18 |
| *Crypturellus undulatus* | jaó | 16, 17, 22, 35 |
| *Crypturellus zabele* | zabelê | 29 |
| *Crypturellus noctivagus* | jaó-do-sul | 9 |
| *Crypturellus variegatus* | inhambu-anhangá | 17 |
| *Crypturellus parvirostris* | inhambu-chororó | 15, 16, 17, 22, 29 |
| *Crypturellus tataupa* | inhambu-chintã | 9, 15, 16, 29 |
| *Nothura boraquira* | codorna-do-nordeste | 9, 29 |
| *Nothura maculosa* | codorna-amarela | 1, 16, 29 |
| *Anhima cornuta* | anhuma | 1, 34 |
| *Chauna torquata* | tachã | 1 |
| *Dendrocygna viduata* | irerê | 4, 15, 16, 29 |
| *Dendrocygna autumnalis* | marreca-cabocla | 4, 18 |
| *Neochen jubata* | pato-corredor | 10 |
| *Cairina moschata* | pato-do-mato | 17, 18, 22, 34 |
| *Amazonetta brasiliensis* | marreca-ananaí | 16, 17, 18 |
| *Anas bahamensis* | marreca-toicinho | 15, 16 |
| *Mergus octosetaceus* | pato-mergulhão | 1 |
| *Penelope superciliaris* | jacupemba | 3, 16, 17, 22 |
| *Penelope jacquacu* | jacu-de-spix | 18 |
| *Penelope pileata* | jacupiranga | 3 |
| *Penelope jacucaca* | jacucaca | 1, 15, 29 |
| *Aburria cujubi* | cujubi | 3, 35 |
| *Aburria jacutinga* | jacutinga | 2 |
| *Ortalis guttata* | aracuã-pintado | 10, 17 |
| *Ortalis motmot* | aracuã-pequeno | 18 |
| *Ortalis superciliaris* | aracuã-de-sobrancelhas | 15, 16 |
| *Crax alector* | mutum-poranga | 18, 18 |
| *Crax globulosa* | mutum-de-fava | 8, 17 |
| *Crax fasciolata* | mutum-de-penacho | 3, 8, 17, 22 |
| *Pauxi tomentosa* | mutum-do-norte | 1 |
| *Pauxi tuberosa* | mutum-cavalo | 3, 8, 11, 17, 35, 36 |

| Espécies | Nome vernáculo | Fontes |
|---|---|---|
| *Pauxi mitu* | mutum-do-nordeste | 3 |
| *Tachybaptus dominicus* | mergulhão-pequeno | 4, 16, 29 |
| *Podilymbus podiceps* | mergulhão-caçador | 4, 16 |
| *Columba livia* | pombo-doméstico | 15, 16 |
| *Patagioenas speciosa* | pomba-trocal | 17, 35 |
| *Patagioenas picazuro* | pomba-asa-branca | 16, 29 |
| *Patagioenas cayennensis* | pomba-galega | 5, 18, 35 |
| *Patagioenas plumbea* | pomba-amargosa | 18 |
| *Leptotila verreauxi* | juriti-pupu | 15, 16, 17, 18, 22, 29, 34, 35 |
| *Leptotila rufaxilla* | juriti-de-testa-branca | 4, 9, 16, 17 |
| *Zenaida auriculata* | avoante | 9, 15, 16, 17, 22, 29 |
| *Claravis pretiosa* | pararu-azul | 17, 29 |
| *Columbina passerina* | rolinha-cinzenta | 4, 5, 15, 16, 34 |
| *Columbina minuta* | rolinha-de-asa-canela | 16, 29 |
| *Columbina talpacoti* | rolinha-roxa | 4, 15, 16, 17, 18, 22, 29, 34 |
| *Columbina squammata* | rolinha-fogo-apagou | 4, 15, 16, 17, 22, 29 |
| *Columbina picui* | rolinha-picuí | 15, 16, 29 |
| *Guira guira* | anu-branco | 4, 15, 16, 17, 22, 29 |
| *Crotophaga major* | anu-coroca | 15, 16, 18, 34 |
| *Crotophaga ani* | anu-preto | 4, 15, 16, 17, 18, 22, 29, 34 |
| *Tapera naevia* | saci | 16, 17, 29, 34 |
| *Coccycua minuta* | chincoã-pequeno | 17, 34, 35 |
| *Piaya cayana* | alma-de-gato | 10, 15, 16, 17, 18, 22, 29, 35 |
| *Coccyzus melacoryphus* | papa-lagarta-acanelado | 16, 29 |
| *Coccyzus euleri* | papa-lagarta-de-euler | 16, 18 |
| *Nyctibius grandis* | urutau-grande | 1, 17, 22 |
| *Nyctibius aethereus* | urutau-pardo | 18 |
| *Nyctibius griseus* | urutau | 4, 15, 16, 18, 29 |
| *Antrostomus rufus* | joão-corta-pau | 4, 16, 17, 22 |
| *Nyctidromus albicollis* | bacurau | 4, 16, 17, 18, 22, 29 |
| *Nyctidromus hirundinaceus* | bacurauzinho-da-caatinga | 29 |
| *Hydropsalis parvula* | bacurau-chintã | 16 |
| *Hydropsalis torquata* | bacurau-tesoura | 16, 29 |
| *Podager nacunda* | corucão | 16, 35 |
| *Chordeiles acutipennis* | bacurau-de-asa-fina | 16 |
| *Tachornis squamata* | andorinhão-do-buriti | 16, 18 |

| Espécies | Nome vernáculo | Fontes |
|---|---|---|
| *Panyptila cayennensis* | andorinhão-estofador | 1 |
| *Glaucis hirsutus* | balança-rabo-de-bico-torto | 17 |
| *Threnetes leucurus* | balança-rabo-de-garganta-preta | 17 |
| *Phaethornis ruber* | rabo-branco-rubro | 5, 18, 29 |
| *Phaethornis philippii* | rabo-branco-amarelo | 10 |
| *Chrysolampis mosquitus* | beija-flor-vermelho | 16 |
| *Anthracothorax nigricollis* | beija-flor-de-veste-preta | 17, 18 |
| *Chlorostilbon lucidus* | besourinho-de-bico-vermelho | 16, 29 |
| *Thalurania furcata* | beija-flor-tesoura-verde | 17, 18 |
| *Eupetomena macroura* | beija-flor-tesoura | 4, 16, 17, 22, 29 |
| *Chrysuronia versicolor* | beija-flor-de-banda-branca | 17, 18 |
| *Chrysuronia leucogaster* | beija-flor-de-barriga-branca | 4 |
| *Chionomesa fimbriata* | beija-flor-de-garganta-verde | 15, 17, 18, 34, 35 |
| *Chlorestes cyanus* | beija-flor-roxo | 17 |
| *Chlorestes notata* | beija-flor-de-garganta-azul | 18 |
| *Opisthocomus hoazin* | cigana | 17, 34, 35 |
| *Aramus guarauna* | carão | 15, 16, 29, 34, 35 |
| *Psophia crepitans* | jacamim-de-costas-cinzentas | 1 |
| *Psophia viridis* | jacamim-de-costas-verdes | 11 |
| *Porphyrio martinica* | frango-d'água-azul | 4, 15, 16 |
| *Rufirallus viridis* | sanã-castanha | 17 |
| *Laterallus melanophaius* | sanã-parda | 17 |
| *Aramides mangle* | saracura-do-mangue | 4, 16 |
| *Aramides cajaneus* | saracura-três-potes | 4, 15, 16, 17, 18, 22, 29 |
| *Porphyriops melanops* | galinha-d'água-carijó | 16 |
| *Gallinula galeata* | galinha-d'água | 4, 15, 16, 29 |
| *Heliornis fulica* | picaparra | 17 |
| *Pluvialis squatarola* | batuiruçu-de-axila-preta | 16 |
| *Vanellus chilensis* | quero-quero | 4, 15, 16, 17, 18, 22, 29 |
| *Charadrius semipalmatus* | batuíra-de-bando | 4, 16 |
| *Charadrius collaris* | batuíra-de-coleira | 4, 16, 18 |
| *Haematopus palliatus* | piru-piru | 16 |
| *Himantopus mexicanus* | pernilongo-de-costas-negras | 16 |
| *Numenius phaeopus* | maçarico-galego | 4, 16 |
| *Arenaria interpres* | vira-pedras | 16 |
| *Calidris canutus* | maçarico-de-papo-vermelho | 16 |
| *Calidris alba* | maçarico-branco | 16 |

| Espécies | Nome vernáculo | Fontes |
|---|---|---|
| *Calidris minutilla* | maçariquinho | 16 |
| *Calidris pusilla* | maçarico-rasteirinho | 4, 16 |
| *Limnodromus griseus* | maçarico-de-costas-brancas | 4, 16 |
| *Gallinago paraguaiae* | narceja | 16 |
| *Actitis macularius* | maçarico-pintado | 4, 16 |
| *Tringa solitaria* | maçarico-solitário | 16 |
| *Tringa melanoleuca* | maçarico-grande-de-perna-amarela | 15, 16 |
| *Tringa semipalmata* | maçarico-de-asa-branca | 4 |
| *Tringa flavipes* | maçarico-de-perna-amarela | 16 |
| *Jacana jacana* | jaçanã | 15, 16, 17, 18, 22, 29, 34, 35 |
| *Chroicocephalus cirrocephalus* | gaivota-de-cabeça-cinza | 15, 16 |
| *Rynchops niger* | talha-mar | 16, 18 |
| *Sternula antillarum* | trinta-réis-miúdo | 16 |
| *Sternula superciliaris* | trinta-réis-pequeno | 16 |
| *Phaetusa simplex* | trinta-réis-grande | 16, 16, 17, 18 |
| *Sterna hirundo* | trinta-réis-boreal | 4 |
| *Ciconia maguari* | maguari | 1 |
| *Jabiru mycteria* | tuiuiú | 1 |
| *Mycteria americana* | cabeça-seca | 3, 18 |
| *Fregata magnificens* | fragata | 4, 16 |
| *Anhinga anhinga* | biguatinga | 18, 34, 35, 35 |
| *Nannopterum brasilianum* | biguá | 1, 15, 16, 17, 18, 22, 31 |
| *Tigrisoma lineatum* | socó-boi | 4, 15, 17, 18, 22, 34 |
| *Botaurus pinnatus* | socó-boi-baio | 15 |
| *Nycticorax nycticorax* | socó-dorminhoco | 4, 16, 18 |
| *Nyctanassa violacea* | savacu-de-coroa | 15, 16 |
| *Butorides striata* | socozinho | 4, 16, 17, 18, 34 |
| *Bubulcus ibis* | garça-vaqueira | 15, 16, 18, 22 |
| *Ardea cocoi* | garça-moura | 4, 17, 18, 34 |
| *Ardea alba* | garça-branca-grande | 4, 15, 16, 17, 18, 22, 29, 34 |
| *Pilherodius pileatus* | garça-real | 18, 34, 35 |
| *Egretta thula* | garça-branca-pequena | 4, 16, 17, 18, 22, 34 |
| *Egretta caerulea* | garça-azul | 4, 16 |
| *Eudocimus ruber* | guará | 12, 15, 16, 26 |
| *Mesembrinibis cayennensis* | coró-coró | 35 |

| Espécies | Nome vernáculo | Fontes |
|---|---|---|
| *Phimosus infuscatus* | tapicuru | 35 |
| *Theristicus caudatus* | curicaca | 15, 16, 18 |
| *Sarcoramphus papa* | urubu-rei | 15, 17, 22, 29 |
| *Coragyps atratus* | urubu-preto | 4, 15, 16, 17, 18, 22, 27, 29, 34 |
| *Cathartes aura* | urubu-de-cabeça-vermelha | 1, 4, 15, 16, 17, 18, 22, 29, 34 |
| *Cathartes burrovianus* | urubu-de-cabeça-amarela | 15, 16, 29, 34 |
| *Cathartes melambrotus* | urubu-da-mata | 34 |
| *Pandion haliaetus* | águia-pescadora | 4, 16, 18, 34, 35 |
| *Gampsonyx swainsonii* | gaviãozinho | 17, 18, 22 |
| *Elanus leucurus* | gavião-peneira | 4, 16, 17, 29 |
| *Leptodon cayanensis* | gavião-gato | 18 |
| *Elanoides forficatus* | gavião-tesoura | 18, 22 |
| *Morphnus guianensis* | uiraçu | 3 |
| *Harpia harpyja* | gavião-real | 3, 8, 17, 35 |
| *Spizaetus tyrannus* | gavião-pega-macaco | 18 |
| *Spizaetus melanoleucus* | gavião-pato | 1, 3 |
| *Busarellus nigricollis* | gavião-belo | 17, 18, 34, 35, 35 |
| *Rostrhamus sociabilis* | gavião-caramujeiro | 15, 16, 34 |
| *Ictinia plumbea* | sovi | 17, 18 |
| *Accipiter poliogaster* | tauató-pintado | 3 |
| *Accipiter bicolor* | gavião-bombachinha-grande | 17 |
| *Geranospiza caerulescens* | gavião-pernilongo | 17, 34 |
| *Buteogallus schistaceus* | gavião-azul | 34 |
| *Buteogallus aequinoctialis* | gavião-caranguejeiro | 4, 16 |
| *Heterospizias meridionalis* | gavião-caboclo | 15, 16, 17, 18, 29 |
| *Urubitinga urubitinga* | gavião-preto | 4, 16, 17, 18 |
| *Rupornis magnirostris* | gavião-carijó | 4, 15, 16, 17, 18, 22, 29, 34 |
| *Geranoaetus albicaudatus* | gavião-de-rabo-branco | 22 |
| *Pseudastur albicollis* | gavião-branco | 18 |
| *Buteo nitidus* | gavião-pedrês | 17, 18, 35 |
| *Buteo brachyurus* | gavião-de-cauda-curta | 16, 18 |
| *Tyto furcata* | suindara | 4, 15, 17, 18, 22, 29 |
| *Megascops choliba* | corujinha-do-mato | 4, 16, 18, 29 |
| *Megascops watsonii* | corujinha-das-guianas | 18 |

| Espécies | Nome vernáculo | Fontes |
|---|---|---|
| *Glaucidium brasilianum* | caburé | 15, 16, 29 |
| *Athene cunicularia* | coruja-buraqueira | 1, 15, 16, 17, 18, 22, 29, 35 |
| *Asio clamator* | coruja-orelhuda | 4 |
| *Trogon melanurus* | surucuá-de-cauda-preta | 17, 34, 35 |
| *Trogon viridis* | surucuá-de-barriga-amarela | 17, 18, 35 |
| *Trogon violaceus* | surucuá-violáceo | 18 |
| *Trogon curucui* | surucuá-de-barriga-vermelha | 16, 22 |
| *Trogon rufus* | surucuá-dourado-da-amazônia | 17, 35 |
| *Momotus momota* | udu-de-coroa-azul | 17, 18, 22, 35 |
| *Megaceryle torquata* | martim-pescador-grande | 4, 16, 17, 18, 22, 34 |
| *Chloroceryle amazona* | martim-pescador-verde | 4, 16, 17, 18, 35 |
| *Chloroceryle americana* | martim-pescador-pequeno | 4, 16, 17, 18, 22, 29, 34 |
| *Galbula ruficauda* | ariramba-de-cauda-ruiva | 17, 22, 29, 35 |
| *Galbula galbula* | ariramba-de-cauda-verde | 18 |
| *Galbula dea* | ariramba-do-paraíso | 5 |
| *Chelidoptera tenebrosa* | urubuzinho | 17 |
| *Monasa atra* | chora-chuva-de-asa-branca | 18 |
| *Monasa morphoeus* | chora-chuva-de-cara-branca | 1 |
| *Monasa nigrifrons* | chora-chuva-preto | 1, 17, 18, 34 |
| *Malacoptila striata* | barbudo-rajado | 1 |
| *Malacoptila rufa* | barbudo-de-pescoço-ferrugem | 18 |
| *Tamatia tamatia* | rapazinho-carijó | 34 |
| *Nystalus maculatus* | rapazinho-dos-velhos | 4, 15, 16, 17, 29 |
| *Nystalus chacuru* | joão-bobo | 1, 17 |
| *Capito dayi* | capitão-de-cinta | 10 |
| *Capito auratus* | capitão-de-fronte-dourada | 34 |
| *Ramphastos toco* | tucanuçu | 17, 22, 34 |
| *Ramphastos tucanus* | tucano-de-papo-branco | 17, 18 |
| *Ramphastos vitellinus* | tucano-de-bico-preto | 17, 18 |
| *Pteroglossus aracari* | araçari-de-bico-branco | 17, 18 |
| *Pteroglossus castanotis* | araçari-castanho | 17, 22, 34, 34 |
| *Picumnus exilis* | picapauzinho-de-pintas-amarelas | 4 |
| *Picumnus cirratus* | picapauzinho-barrado | 17, 18 |
| *Melanerpes candidus* | pica-pau-branco | 15, 16, 17, 22 |
| *Melanerpes cruentatus* | benedito-de-testa-vermelha | 18 |
| *Melanerpes flavifrons* | benedito-de-testa-amarela | 1 |

| Espécies | Nome vernáculo | Fontes |
|---|---|---|
| *Veniliornis passerinus* | pica-pau-pequeno | 4, 17, 29 |
| *Campephilus rubricollis* | pica-pau-de-barriga-vermelha | 18 |
| *Campephilus robustus* | pica-pau-rei | 1 |
| *Campephilus melanoleucos* | pica-pau-de-topete-vermelho | 16, 17, 34 |
| *Dryocopus lineatus* | pica-pau-de-banda-branca | 17, 18, 22, 35 |
| *Celeus torquatus* | pica-pau-de-coleira | 10 |
| *Celeus flavus* | pica-pau-amarelo | 34 |
| *Celeus flavescens* | pica-pau-de-cabeça-amarela | 16, 18 |
| *Piculus chrysochloros* | pica-pau-dourado-escuro | 29 |
| *Colaptes punctigula* | pica-pau-de-peito-pontilhado | 34 |
| *Colaptes melanochloros* | pica-pau-verde-barrado | 4, 16, 29 |
| *Colaptes campestris* | pica-pau-do-campo | 17, 22 |
| *Cariama cristata* | seriema | 1, 15, 22, 29 |
| *Herpetotheres cachinnans* | acauã | 4, 15, 16, 17, 18, 22, 29, 35 |
| *Micrastur semitorquatus* | falcão-relógio | 17 |
| *Caracara plancus* | carcará | 1, 4, 15, 16, 17, 18, 22, 29 |
| *Daptrius ater* | gavião-de-anta | 18 |
| *Milvago chimachima* | carrapateiro | 15, 16, 17, 18, 22 |
| *Falco sparverius* | quiriquiri | 4, 15, 16, 17, 22 |
| *Falco rufigularis* | cauré | 1, 16, 17, 18 |
| *Falco deiroleucus* | falcão-de-peito-laranja | 3, 16 |
| *Falco femoralis* | falcão-de-coleira | 16 |
| *Falco peregrinus* | falcão-peregrino | 16 |
| *Brotogeris sanctithomae* | periquito-testinha | 18 |
| *Brotogeris versicolurus* | periquito-da-campina | 18, 34 |
| *Pyrilia barrabandi* | curica-de-bochecha-laranja | 10 |
| *Pionus fuscus* | maitaca-roxa | 18 |
| *Pionus maximiliani* | maitaca-verde | 17 |
| *Pionus menstruus* | maitaca-de-cabeça-azul | 17, 18, 22, 35 |
| *Graydidascalus brachyurus* | curica-verde | 18 |
| *Alipiopsitta xanthops* | papagaio-galego | 9 |
| *Amazona festiva* | papagaio-da-várzea | 18, 34, 35 |
| *Amazona aestiva* | papagaio-verdadeiro | 15, 16, 22, 29, 35 |
| *Amazona farinosa* | papagaio-moleiro | 17, 18, 35 |
| *Amazona brasiliensis* | papagaio-de-cara-roxa | 7 |

| Espécies | Nome vernáculo | Fontes |
|---|---|---|
| *Amazona amazonica* | curica | 17, 22, 35 |
| *Forpus xanthopterygius* | tuim | 15, 16, 17, 22, 29, 34 |
| *Deroptyus accipitrinus* | anacã | 17 |
| *Pyrrhura perlata* | tiriba-de-barriga-vermelha | 10 |
| *Pyrrhura picta* | tiriba-de-testa-azul | 17 |
| *Anodorhynchus hyacinthinus* | arara-azul | 3, 11, 35, 38 |
| *Anodorhynchus leari* | arara-azul-de-lear | 4 |
| *Eupsittula aurea* | periquito-rei | 15, 16, 17, 18, 22, 35 |
| *Eupsittula cactorum* | periquito-da-caatinga | 9, 15, 16, 29 |
| *Aratinga weddellii* | periquito-de-cabeça-suja | 10 |
| *Aratinga solstitialis* | jandaia-amarela | 9 |
| *Aratinga jandaya* | jandaia-verdadeira | 15, 16, 35 |
| *Primolius maracana* | maracanã | 3, 17, 29 |
| *Ara ararauna* | arara-canindé | 9, 10, 11, 15, 17, 18, 22 |
| *Ara severus* | maracanã-guaçu | 10, 17, 34, 35 |
| *Ara macao* | araracanga | 11, 17, 22, 34, 35 |
| *Ara chloropterus* | arara-vermelha | 11, 17, 18, 35, 35 |
| *Thectocercus acuticaudatus* | aratinga-de-testa-azul | 15, 16 |
| *Diopsittaca nobilis* | maracanã-pequena | 22 |
| *Psittacara leucophthalmus* | periquitão | 17, 18, 34, 35 |
| *Euchrepomis spodioptila* | zidedê-de-asa-cinza | 5 |
| *Epinecrophylla leucophthalma* | choquinha-de-olho-branco | 10 |
| *Epinecrophylla haematonota* | choquinha-de-garganta-carijó | 10 |
| *Myrmotherula brachyura* | choquinha-miúda | 10, 18 |
| *Myrmotherula axillaris* | choquinha-de-flanco-branco | 10 |
| *Formicivora grisea* | papa-formiga-pardo | 16, 18, 29 |
| *Formicivora melanogaster* | formigueiro-de-barriga-preta | 16, 29 |
| *Isleria hauxwelli* | choquinha-de-garganta-clara | 10 |
| *Thamnomanes ardesiacus* | uirapuru-de-garganta-preta | 18 |
| *Thamnomanes saturninus* | uirapuru-selado | 10 |
| *Thamnomanes caesius* | ipecuá | 10 |
| *Herpsilochmus dorsimaculatus* | chorozinho-de-costas-manchadas | 5 |

| Espécies | Nome vernáculo | Fontes |
|---|---|---|
| *Herpsilochmus atricapillus* | chorozinho-de-chapéu-preto | 16 |
| *Thamnophilus doliatus* | choca-barrada | 16, 17, 34, 35 |
| *Thamnophilus capistratus* | choca-barrada-do-nordeste | 16, 29 |
| *Thamnophilus palliatus* | choca-listrada | 22 |
| *Thamnophilus punctatus* | choca-bate-cabo | 17, 18, 22 |
| *Thamnophilus pelzelni* | choca-do-planalto | 16 |
| *Taraba major* | choró-boi | 16, 17, 18, 29 |
| *Hylophylax naevius* | guarda-floresta | 5 |
| *Sclateria naevia* | papa-formiga-do-igarapé | 18 |
| *Cercomacra cinerascens* | chororó-pocuá | 18 |
| *Cercomacroides nigrescens* | chororó-negro | 10 |
| *Cercomacroides tyrannina* | chororó-escuro | 5 |
| *Hypocnemis cantator* | cantador-da-guiana | 5 |
| *Willisornis poecilinotus* | rendadinho | 10 |
| *Phlegopsis nigromaculata* | mãe-de-taoca | 10, 10 |
| *Rhegmatorhina hoffmannsi* | mãe-de-taoca-papuda | 10 |
| *Melanopareia torquata* | meia-lua-do-cerrado | 1 |
| *Conopophaga aurita* | chupa-dente-de-cinta | 18 |
| *Grallaria varia* | tovacuçu | 10 |
| *Hylopezus ochroleucus* | pompeu | 29 |
| *Formicarius colma* | galinha-do-mato | 35 |
| *Sclerurus rufigularis* | vira-folha-de-bico-curto | 10 |
| *Sittasomus griseicapillus* | arapaçu-verde | 10, 17, 18, 22 |
| *Dendrocincla merula* | arapaçu-da-taoca | 10, 18 |
| *Dendrocincla fuliginosa* | arapaçu-pardo | 10, 17, 18 |
| *Glyphorynchus spirurus* | arapaçu-bico-de-cunha | 5, 10 |
| *Hylexetastes uniformis* | arapaçu-uniforme | 10 |
| *Xiphorhynchus obsoletus* | arapaçu-riscado | 10 |
| *Xiphorhynchus pardalotus* | arapaçu-assobiador | 18 |
| *Xiphorhynchus ocellatus* | arapaçu-ocelado | 5 |
| *Xiphorhynchus guttatus* | arapaçu-de-garganta-amarela | 10, 17, 18 |
| *Dendroplex picus* | arapaçu-de-bico-branco | 4, 16, 17, 18, 34 |
| *Campylorhamphus trochilirostris* | arapaçu-beija-flor | 29 |

| Espécies | Nome vernáculo | Fontes |
|---|---|---|
| *Lepidocolaptes albolineatus* | arapaçu-de-listras-brancas | 18 |
| *Xenops minutus* | bico-virado-miúdo | 10, 18 |
| *Furnarius figulus* | casaca-de-couro-da-lama | 4, 16, 18 |
| *Furnarius leucopus* | casaca-de-couro-amarelo | 22, 29, 34 |
| *Furnarius minor* | joãozinho | 18 |
| *Furnarius rufus* | joão-de-barro | 1, 16, 22 |
| *Automolus rufipileatus* | barranqueiro-de-coroa-castanha | 18 |
| *Automolus ochrolaemus* | barranqueiro-camurça | 10 |
| *Automolus infuscatus* | barranqueiro-pardo | 5 |
| *Pseudoseisura cristata* | casaca-de-couro | 16, 29 |
| *Certhiaxis cinnamomeus* | curutié | 16 |
| *Synallaxis gujanensis* | joão-teneném-becuá | 18 |
| *Synallaxis hellmayri* | joão-xique-xique | 29 |
| *Synallaxis albescens* | uí-pi | 17, 18 |
| *Synallaxis frontalis* | petrim | 16, 29 |
| *Synallaxis rutilans* | joão-teneném-castanho | 1 |
| *Synallaxis cherriei* | puruchém | 3 |
| *Tyranneutes stolzmanni* | uirapuruzinho | 5 |
| *Tyranneutes virescens* | uirapuruzinho-do-norte | 18 |
| *Lepidothrix nattereri* | uirapuru-de-chapéu-branco | 10 |
| *Manacus manacus* | rendeira | 17, 18 |
| *Pipra aureola* | uirapuru-vermelho | 18 |
| *Pipra fasciicauda* | uirapuru-laranja | 17 |
| *Ceratopipra rubrocapilla* | cabeça-encarnada | 17, 18 |
| *Querula purpurata* | anambé-una | 18 |
| *Cephalopterus ornatus* | anambé-preto | 1, 3, 35 |
| *Lipaugus vociferans* | cricrió | 5, 17, 18, 35 |
| *Procnias nudicollis* | araponga | 1 |
| *Cotinga cotinga* | anambé-de-peito-roxo | 35 |
| *Gymnoderus foetidus* | anambé-pombo | 3 |
| *Schiffornis turdina* | flautim-marrom | 5, 18 |
| *Tityra inquisitor* | anambé-branco-de-bochecha-parda | 17 |
| *Tityra cayana* | anambé-branco-de-rabo-preto | 17, 18 |
| *Tityra semifasciata* | anambé-branco-de-máscara-negra | 18, 34 |
| *Pachyramphus rufus* | caneleiro-cinzento | 18, 34 |
| *Pachyramphus castaneus* | caneleiro | 18 |

| Espécies | Nome vernáculo | Fontes |
|---|---|---|
| *Pachyramphus minor* | caneleiro-pequeno | 34 |
| *Onychorhynchus coronatus* | maria-leque | 18 |
| *Terenotriccus erythrurus* | papa-moscas-uirapuru | 5, 18 |
| *Piprites chloris* | papinho-amarelo | 10 |
| *Platyrinchus saturatus* | patinho-escuro | 18 |
| *Leptopogon amaurocephalus* | cabeçudo | 18 |
| *Rhynchocyclus olivaceus* | bico-chato-grande | 18 |
| *Tolmomyias sulphurescens* | bico-chato-de-orelha-preta | 17, 18 |
| *Tolmomyias poliocephalus* | bico-chato-de-cabeça-cinza | 5 |
| *Tolmomyias flaviventris* | bico-chato-amarelo | 16, 29 |
| *Todirostrum maculatum* | ferreirinho-estriado | 18, 34 |
| *Todirostrum cinereum* | ferreirinho-relógio | 16, 18, 29 |
| *Hemitriccus margaritaceiventer* | sebinho-de-olho-de-ouro | 16, 29 |
| *Lophotriccus galeatus* | sebinho-de-penacho | 18 |
| *Euscarthmus meloryphus* | barulhento | 16 |
| *Camptostoma obsoletum* | risadinha | 15, 16, 17, 18, 22, 34, 34 |
| *Elaenia flavogaster* | guaracava-de-barriga-amarela | 16, 17, 18, 29 |
| *Elaenia cristata* | guaracava-de-topete-uniforme | 16, 22 |
| *Suiriri suiriri* | suiriri-cinzento | 16 |
| *Myiopagis caniceps* | guaracava-cinzenta | 5 |
| *Tyrannulus elatus* | maria-te-viu | 34 |
| *Phaeomyias murina* | bagageiro | 16 |
| *Phyllomyias fasciatus* | piolhinho | 16 |
| *Serpophaga nigricans* | joão-pobre | 1, 1 |
| *Legatus leucophaius* | bem-te-vi-pirata | 18 |
| *Myiarchus tuberculifer* | maria-cavaleira-pequena | 18 |
| *Myiarchus ferox* | maria-cavaleira | 1, 16, 17, 18, 22 |
| *Myiarchus tyrannulus* | maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado | 16, 18, 29 |
| *Pitangus sulphuratus* | bem-te-vi | 1, 1, 4, 15, 16, 17, 18, 22, 29, 34 |
| *Philohydor lictor* | bentevizinho-do-brejo | 16, 17, 18 |
| *Machetornis rixosa* | suiriri-cavaleiro | 15, 16, 29 |
| *Myiodynastes maculatus* | bem-te-vi-rajado | 4, 18, 34 |
| *Megarynchus pitangua* | neinei | 16, 17, 18, 34 |

| Espécies | Nome vernáculo | Fontes |
|---|---|---|
| *Myiozetetes cayanensis* | bentevizinho-de-asa-ferrugínea | 18 |
| *Myiozetetes similis* | bentevizinho-de-penacho-vermelho | 34 |
| *Tyrannus albogularis* | suiriri-de-garganta-branca | 18 |
| *Tyrannus melancholicus* | suiriri | 4, 15, 16, 17, 18, 22, 29, 34 |
| *Tyrannus savana* | tesourinha | 10, 18, 22 |
| *Empidonomus varius* | peitica | 16, 17, 18, 29 |
| *Colonia colonus* | viuvinha | 22 |
| *Arundinicola leucocephala* | freirinha | 16, 35 |
| *Fluvicola albiventer* | lavadeira-de-cara-branca | 16 |
| *Fluvicola nengeta* | lavadeira-mascarada | 4, 16, 17, 22, 29 |
| *Myiophobus fasciatus* | filipe | 22 |
| *Lathrotriccus euleri* | enferrujado | 18, 34 |
| *Xolmis velatus* | noivinha-branca | 22 |
| *Cyclarhis gujanensis* | pitiguari | 5, 17, 18, 22, 29 |
| *Hylophilus amaurocephalus* | vite-vite-de-olho-cinza | 16 |
| *Hylophilus semicinereus* | verdinho-da-várzea | 18 |
| *Tunchiornis ochraceiceps* | vite-vite-uirapuru | 5 |
| *Vireo olivaceus* | juruviara-boreal | 10, 18 |
| *Vireo chivi* | juruviara | 18 |
| *Cyanocorax cristatellus* | gralha-do-campo | 17, 22 |
| *Cyanocorax cayanus* | gralha-da-guiana | 1, 18 |
| *Cyanocorax cyanopogon* | gralha-cancã | 15, 16, 29 |
| *Pygochelidon cyanoleuca* | andorinha-pequena-de-casa | 22 |
| *Stelgidopteryx ruficollis* | andorinha-serradora | 18, 29 |
| *Progne tapera* | andorinha-do-campo | 15, 16, 17, 18, 22, 35 |
| *Progne subis* | andorinha-azul | 1 |
| *Progne chalybea* | andorinha-grande | 16, 17, 18, 22 |
| *Tachycineta albiventer* | andorinha-do-rio | 4, 16, 18 |
| *Riparia riparia* | andorinha-do-barranco | 17 |
| *Hirundo rustica* | andorinha-de-bando | 16 |
| *Troglodytes musculus* | corruíra | 4, 15, 16, 17, 18, 22, 29, 34 |
| *Campylorhynchus turdinus* | catatau | 17 |
| *Pheugopedius genibarbis* | garrinchão-pai-avô | 16 |

| Espécies | Nome vernáculo | Fontes |
|---|---|---|
| *Pheugopedius coraya* | garrinchão-coraia | 5 |
| *Cantorchilus leucotis* | garrinchão-de-barriga-vermelha | 18 |
| *Cantorchilus longirostris* | garrinchão-de-bico-grande | 16 |
| *Cyphorhinus arada* | uirapuru-da-guiana | 18, 35 |
| *Polioptila plumbea* | balança-rabo-de-chapéu-preto | 15, 16, 29 |
| *Donacobius atricapilla* | japacanim | 18, 34 |
| *Turdus flavipes* | sabiá-una | 7 |
| *Turdus leucomelas* | sabiá-barranco | 4, 16, 29 |
| *Turdus fumigatus* | sabiá-da-mata | 18 |
| *Turdus rufiventris* | sabiá-laranjeira | 4, 7, 15, 16, 22, 29 |
| *Turdus amaurochalinus* | sabiá-poca | 7, 16, 17, 22, 29 |
| *Turdus albicollis* | sabiá-coleira | 5, 7, 18 |
| *Mimus gilvus* | sabiá-da-praia | 15, 16 |
| *Mimus saturninus* | sabiá-do-campo | 15, 16, 17, 22, 29 |
| *Estrilda astrild* | bico-de-lacre | 4, 29 |
| *Passer domesticus* | pardal | 4, 15, 16, 29 |
| *Anthus chii* | caminheiro-zumbidor | 15, 16 |
| *Spinus yarrellii* | pintassilgo-do-nordeste | 29 |
| *Euphonia chlorotica* | fim-fim | 4, 15, 16, 17, 18, 29 |
| *Euphonia violacea* | gaturamo-verdadeiro | 4, 22 |
| *Ammodramus humeralis* | tico-tico-do-campo | 16, 22 |
| *Ammodramus aurifrons* | cigarrinha-do-campo | 18, 34 |
| *Arremon semitorquatus* | tico-tico-do-mato | 1 |
| *Zonotrichia capensis* | tico-tico | 1, 17, 22, 29 |
| *Leistes militaris* | polícia-inglesa-do-norte | 18 |
| *Leistes superciliaris* | polícia-inglesa-do-sul | 4, 15, 16 |
| *Psarocolius angustifrons* | japu-pardo | 34 |
| *Psarocolius decumanus* | japu | 1, 15, 17, 18, 22, 34, 35 |
| *Psarocolius viridis* | japu-verde | 18 |
| *Psarocolius bifasciatus* | japuguaçu | 17 |
| *Cacicus solitarius* | iraúna-de-bico-branco | 16 |
| *Cacicus cela* | xexéu | 1, 4, 15, 16, 17, 18, 22, 34, 35 |
| *Cacicus haemorrhous* | guaxe | 17 |
| *Icterus croconotus* | joão-pinto | 18, 34 |
| *Icterus jamacaii* | corrupião | 1, 4, 15, 16, 17, 29 |
| *Icterus pyrrhopterus* | encontro | 15, 16, 29 |
| *Icterus chrysocephalus* | rouxinol-do-rio-negro | 17 |
| *Icterus cayanensis* | inhapim | 4, 17, 18 |

| Espécies | Nome vernáculo | Fontes |
|---|---|---|
| *Molothrus bonariensis* | chupim | 1, 16, 17, 18, 22, 29 |
| *Gnorimopsar chopi* | pássaro-preto | 4, 9, 15, 16, 22, 29 |
| *Chrysomus ruficapillus* | garibaldi | 16, 29 |
| *Setophaga pitiayumi* | mariquita | 18 |
| *Basileuterus culicivorus* | pula-pula | 16 |
| *Habia rubica* | tiê-de-bando | 10 |
| *Cyanoloxia rothschildii* | azulão-da-amazônia | 5, 18 |
| *Cyanoloxia brissonii* | azulão | 4, 15, 16, 29 |
| *Nemosia pileata* | saíra-de-chapéu-preto | 34 |
| *Compsothraupis loricata* | tiê-caburé | 29 |
| *Cyanerpes caeruleus* | saí-de-perna-amarela | 10 |
| *Dacnis flaviventer* | saí-amarela | 34 |
| *Dacnis cayana* | saí-azul | 10, 17, 18 |
| *Saltatricula atricollis* | batuqueiro | 16 |
| *Saltator maximus* | tempera-viola | 18 |
| *Saltator coerulescens* | trinca-ferro-gongá | 34 |
| *Saltator grossus* | bico-encarnado | 18 |
| *Coereba flaveola* | cambacica | 4, 15, 16, 17, 18, 22 |
| *Volatinia jacarina* | tiziu | 4, 16, 17, 18, 22, 29 |
| *Loriotus cristatus* | tiê-galo | 10, 17, 18 |
| *Coryphospingus pileatus* | tico-tico-rei-cinza | 15, 16, 29 |
| *Tachyphonus rufus* | pipira-preta | 15, 17, 29 |
| *Ramphocelus nigrogularis* | pipira-de-máscara | 34 |
| *Ramphocelus carbo* | pipira-vermelha | 5, 17, 18, 22, 34 |
| *Sporophila lineola* | bigodinho | 15, 16, 18, 22, 29, 34 |
| *Sporophila americana* | coleiro-do-norte | 18, 35 |
| *Sporophila nigricollis* | baiano | 15, 29 |
| *Sporophila caerulescens* | coleirinho | 4, 17 |
| *Sporophila albogularis* | golinho | 29 |
| *Sporophila leucoptera* | chorão | 4 |
| *Sporophila bouvreuil* | caboclinho | 16 |
| *Sporophila castaneiventris* | caboclinho-de-peito-castanho | 18, 34 |
| *Sporophila angolensis* | curió | 4, 15, 18, 29 |
| *Conirostrum bicolor* | figuinha-do-mangue | 4 |
| *Sicalis flaveola* | canário-da-terra | 4, 9, 29 |
| *Sicalis columbiana* | canário-do-amazonas | 18 |
| *Sicalis luteola* | tipio | 29 |
| *Cissopis leverianus* | tietinga | 17 |
| *Paroaria dominicana* | cardeal-do-nordeste | 4, 9, 15, 16, 29 |

| Espécies | Nome vernáculo | Fontes |
|---|---|---|
| *Paroaria gularis* | cardeal-da-amazônia | 18, 34 |
| *Thraupis episcopus* | sanhaço-da-amazônia | 5, 34 |
| *Thraupis sayaca* | sanhaço-cinzento | 4, 16, 17, 22, 29, 35 |
| *Thraupis palmarum* | sanhaço-do-coqueiro | 4, 16, 17, 18, 22 |
| *Stilpnia cayana* | saíra-amarela | 4, 17, 22, 29 |
| *Tangara mexicana* | saíra-de-bando | 10 |
| *Tangara chilensis* | sete-cores-da-amazônia | 10 |

Fonte: Elaborado pelos autores, 2026.